

Revista

ECOTEOLOGIA

Abril | Nº. 2 /2022



Ecoteologia e sinodalidade decolonial
na perspectiva dos povos indígenas



EXPEDIENTE

Rede Eclesial Pan-Amazônica REPAM-Brasil

Presidente da REPAM-Brasil: Dom Erwin Kräutler

Diretora Executiva: Ir. Maria Irene Lopes

Analistas de Projetos: Arlete Gomes e Jéssica P. de Castro

Assistentes Administrativa/Financeira: Denyse Leite e Teuélia Emelengídio

Analista de Comunicação: Ana Caroline Lira

Projeto Gráfico e Diagramação: Vilma Baldin

Redação: Ana Caroline Lira

Revisão: Renato Thiel

Imagem de capa: BW Press / Shutterstock.com

Comitê Científico

Ari Antônio Dos Reis

Daniel Seidel

Dário Giuliano Bossi

Francisco Andrade

Felício Pontes

Ima Vieira

Márcia Maria De Oliveira

Ricardo Castro

Roberto Malvezzi

Moema Maria Marques

Brasília-DF, abril de 2022

Nº. 2/2022

Publicação Digital Anual

Contato

www.repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

(61) 3447-4117 ou (61) 98595-5278



ÍNDICE

EDITORIAL

- 4 Reconhecer** a sacralidade amazônica para amazonizar a Criação

ARTIGOS

- 7 Amazonizar** a teologia
- 17 Amazonizar:** compromissos e horizontes ecoteológicos
- 28 Ecoteologia** e sinodalidade decolonial na perspectiva dos povos indígenas
- 41 Amazonizando** a ecologia
- 45 Amazonizar** a ecoteologia na perspectiva da espiritualidade ecológica
- 54 A Pedagogia da Escuta:** entre azeites e sabores do pracaxi na Amazônia profunda
- 56 Para novos** caminhos, novas posturas: à escuta!
- 62 Desafios** e horizontes para a ecoteologia no mundo contemporâneo

NOTÍCIAS

- 73 Escuta** e ecologia integral são destaques na abertura do 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil
- 75 REPAM-Brasil** encerra 2º Encontro de Ecoteologia com painel sobre os desafios para a Ecoteologia no mundo contemporâneo

OLHARES

- 77 Veja** o que os participantes falaram sobre o 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil, que ocorreu entre os dias 18 e 19 de agosto de 2021, de forma online.



Daniel Carvalho da Silva
Comunicação e Incidência

Reconhecer a sacralidade amazônica para amazonizar a Criação

Se existe um labor primordial, uma vocação divina à humanidade, sem dúvida é: ser jardineira da Criação e conviver harmonicamente com ela. As Escrituras Sagradas são principiadas no espaço de um jardim e, do mesmo modo, são concluídas em outro. O jardim é a casa plantada por Deus para seus filhos e filhas. Mas, o fato é que a convivência harmônica entre a humanidade e o meio ambiente durou pouco. A tradição judaico-cristã afirma que foi o pecado o responsável por afastar o gênero humano da intimidade do Criador e da convivência integrada na natureza. Por isso, em face do ecocídio atual, a Teologia cristã contemporânea não pode esquivar-se dos questionamentos sobre como recuperar a humanidade que preserva, cuida e convive em harmonia com a Casa Comum.

As relações tecidas entre a Teologia e a Ecologia a partir do bioma amazônico, por suas vezes, precisam considerar a história de colonização do território e das culturas dos povos originários. Assim, o fazer ecoteológico amazônico precisa ser decolonial. Isto é, deve ser crítico e questionador – tanto política quanto teológica e epistemologicamente – sobre os saberes e os poderes sócio construídos sobre a Amazônia de modo geral. E mais: deve empenhar-se na evidenciação dos saberes e dos modos de vida dos povos indígenas. É inconteste que o *modus vivendi* deles, em relação harmônica com meio ambiente, aproxima-se muito mais do sonho daquele jardim da Criação que os modelos culturais postulados como hegemônicos e globais na atualidade capitalista.

Não por acaso, a palavra-chave assumida pelos pesquisadores que contribuem com nossa reflexão nesta segunda edição da Revista Ecoteologia é *Amazonizar*. Transformar um

substantivo em verbo implica dispô-lo à ação. Reconhecer um substantivo como verbo significa perceber que ele já atua. Amazonizar, aqui, pode ser assumido, em primeiro lugar, como um par de óculos: um modo de enxergar as relações entre a humanidade e a natureza com vistas numa convivência respeitosa na qual a humanidade não se sinta superior, mas, parte integrante de toda Vida que compõe a Criação. Em segundo lugar, amazonizar é um convite à conversão ecológica, à superação do pecado antigo, à transformação de predadorismos em convivência integrada, nesse caso, empenhada à luz das práticas milenares dos povos indígenas.

Os artigos que compõem a revista apontam nessa direção. O teólogo Emerson Sbardelotti identifica alguns exercícios que podem ser assumidos eclesialmente, sob o guarda-chuva do magistério do Papa Francisco, para amazonizar a teologia católica. A pesquisadora de cultura e sociedade na Amazônia, Márcia Maria de Oliveira, indica que amazonizar é um compromisso urgente assumido pelo Sínodo para a Amazônia. E, ademais, que esse compromisso, agora eclesial, efetiva-se na medida em que a Igreja se coloca em diálogo com os povos autóctones. A mesma autora, em parceria com a antropóloga Gilmara Fernandes Ribeiro e com a líder Wapichana e mestre em Letras, Jama Peres, versa sobre a sinodalidade como caminho da Igreja na Amazônia para descolonizar os processos eclesiais e encampar itinerários novos e coerentes com as culturas e os saberes indígenas.

A ecóloga Ima Célia Guimarães Vieira recorda que pensar a Ecologia, hoje, exige considerar o bioma amazônico com suas riquezas e limites. Essa consideração implica substituir as relações de puro consumo por outra sustentável e orgânica. A esse movimento a autora chama: amazonizar a Ecologia. O teólogo Ricardo Gonçalves Castro traz à baila o tema da Espiritualidade Ecológica. Nela, a Criação ocupa um lugar central. Aliás, a Criação e a corporeidade humana são sacramentais. De modo holístico, os ritmos da Terra, da humanidade e do Espírito de Deus confluem e movem-se de maneira interligada. O reconhecimento disso dispõe a humanidade à sensação de que o céu e a terra estão unidos. Noutro artigo, o mesmo autor apresenta uma síntese teórica sobre as Eco-teologias desenvolvidas por diferentes correntes epistemológicas. Ao mesmo tempo, Castro elenca os urgentes desafios e possíveis horizontes que se impõem à Teologia Ecológica.

O professor de história Benedito Alcântara, ribeirinho e conhecedor dos segredos medicinais da floresta, apresenta, desde a Amazônia profunda, os caminhos para uma escuta que seja, de fato, mergulho no território e, assim, capaz de impulsionar o percurso eclesial em harmonia com as culturas locais. Em sentido similar, o missionário comboniano Dário Bossi versa sobre a novidade metodológica da escuta eclesial, que, aliás, é prática inerente ao Criador. Escutar exige esvaziamento, despojamento das verdades pré-concebidas. Por isso, escutar é também abrir-se ao Espírito que pode conduzir a história por caminhos totalmente novos, a depender da docilidade

humana e eclesial em face das interpelações apresentadas por aqueles que são escutados.

A edição apresenta ainda alguns comentários dos participantes do 2º Encontro de Ecoteologia organizado pela REPAM-Brasil. Por fim, constam as notícias que situam o leitor sobre a programação realizada. Cada texto que compõe a Revista é como uma meada de linha. Umas são tingidas por correntes de pensamentos que acompanham a humanidade a mais tempo. Outras são mais recentes. Alguns fios podem ser compara-

dos às cordinhas de palha de Buriti, tamanha é a capacidade de traduzir em palavras as realidades amazônicas. Enquanto umas partem do local para o global, outras, partem do global em direção ao local. A trama de todas essas meadas – não podemos nos esquecer de que o texto é um produto têxtil – cria o bonito tecido, forjado nos teares da REPAM-Brasil, que é essa revista: resultado das interpelações provenientes da Ecologia e da Teologia cristã em vistas da defesa da Vida na e para a Amazônia.

Amazonizar a teologia



Foto: Marcio Isensee e Sá / Adobe Stock

Emerson Sbardelotti¹

O verbo *Amazonizar* é a mais sincera e profunda contribuição do Sínodo para a Amazônia, para a Igreja Católica Apostólica Romana presente nos países da Região Pan-Amazônica, nos países de língua portuguesa e espanhola, enfim, para todas as pessoas de boa vontade que buscam um outro mundo novo possível, uma relação de encontro, diálogo e respeito para e com o Planeta Terra, nossa Casa Comum.

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco assegura que a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. [...] O bem comum pressupõe o respeito

pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. [...] Nas condições atuais da sociedade mundial, em que há tantas desigualdades, e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que hoje esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum [LS, n. 94-95].

Amazonizar é bem viver. *Amazonizar* é bem fazer.

¹ Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ministro da Palavra e Agente de Pastoral Leigo da paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida – Cobilândia, Vila Velha, arquidiocese de Vitória do Espírito Santo.



Sobre o bem viver, eu e Lula Barbosa² comusemos uma canção em 2017 para o II Encontro Nacional de Juventudes e Espiritualidade Libertadora, que aconteceu entre os dias 7 a 10 de setembro, na paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Poá-SP. Ouvindo-a novamente, neste momento de nuvens sombrias de ódio, retrocessos e fundamentalismos, fico com a grata impressão de que já estávamos antecipando, sentindo alguma coisa no ar; algo que hoje cantamos em sintonia com o verbo *Amazonizar*. Com a mística e espiritualidade que o envolve. Com o compromisso que nos pede com a vida, com sua defesa constante; ao mesmo tempo acrescentamos ao nosso canto o bem fazer, que é a práxis do verbo:

Bem viver, alegria e a mística do bem viver

Bem viver, bem viver

Bem viver é imaginar outros mundos possíveis

Bem viver, bem viver

É aprender, desaprender, reaprender

Na diversidade:

Humanos sensíveis, bem viver, bem viver

Bem viver.

Poeticamente, *Amazonizar* corresponde a vários verbos: *ver, ouvir, descer, viver, lutar, servir, caminhar, conviver, partilhar, respeitar, encontrar, dialogar, nadar, navegar, esperar, germinar, abraçar* e o principal deles: *amar*. Dentro da palavra *Amazonizar* estão as palavras *ama* e *amar*. Deus ama e nos convida a amar

sua criação, por amar demais nos convida a cuidar e a proteger; porém, o ser humano, no afã de querer ser deus, destrói esta relação de confiança. Dentro do verbo *Amazonizar* cabe um outro verbo, quase sinônimo: *reflorestar*. Entendo reflorestar como a ação de restaurar a cobertura florestal de uma área que foi destruída, por meio do plantio de sementes e mudas de árvores de várias espécies.

Uma experiência vitoriosa é a do fotógrafo Sebastião Salgado e de Lélia Deluiz Wanick Salgado: o Instituto Terra³, que há pouco mais de uma década, diante de um cenário de degradação ambiental em que se encontrava a antiga fazenda de gado quando adquirida pela família de Sebastião Salgado, na cidade mineira de Aimorés, tomou uma decisão: devolver à natureza o que em décadas de degradação ambiental foi destruído. Mobilizaram parceiros, captaram recursos, e em abril de 1998, fundaram a organização ambiental dedicada ao desenvolvimento sustentável do Vale do Rio Doce. Em pouco mais de uma década, o sonho do casal já rendeu muitos frutos. Por conta da atuação do Instituto Terra, mais de 21,1 milhões de m² de áreas degradadas de Mata Atlântica no médio Rio Doce estão em processo de recuperação e mais de 6 milhões de mudas de espécies da Mata Atlântica já foram produzidas em seu viveiro para abastecer tanto os plantios na RPPN Fazenda Bulcão quanto os projetos de

² Músico, compositor e violonista.

³ Cf. INSTITUTO TERRA. Disponível em: http://www.institutoterra.org/pt_br/conteudosLinks.php?id=22&tl=UXVlbSBzb21vcw==&sb=NQ==#.XkFkHmhKjIU. Acesso em: 10 fev. 2020.



restauração que desenvolve na região. A antiga fazenda de gado, antes completamente degradada, hoje abriga uma floresta rica em diversidade de espécies da flora de Mata Atlântica. A experiência comprova que junto à recuperação do verde, nascentes voltam a jorrar e espécies da fauna brasileira, em risco de extinção, voltam a ter um refúgio seguro.

Diante desta boa nova que nos traz o Instituto Terra, fiz um poema, depois musicado por Carlos Papel, ainda inédita em disco, e que tive a alegria de cantar no Ajuri Amazônico, em Manaus-AM, em julho de 2019, para jovens daquela arquidiocese e outras lideranças que estavam ali recebendo uma formação inculturada como pede o Documento Final do Sínodo para a Amazônia. O poema que virou canção, chama-se *Reflorestar*:

*Reflorestar a vida no Planeta
Reflorestar a alma e o coração
A Terra é nossa Casa e uma caneta
Vai escrever as notas da canção
Poetas dão sabor à alegria
A rima sem tristeza espanta a dor
A liberdade abraça a utopia
E o novo ser humano exala amor
Reflorestar é estar interligado
Como se fôssemos um
Reflorestar é estar conectado
Nessa Casa Comum.*

Teologicamente, *Amazonizar* é sentir a criação como resultado da vontade de Deus, que, ao criar todas as coisas, viu que tudo era bom. *Amazonizar* é ao mesmo tempo ser sujeito e objeto de um processo eclesial desencadea-

do pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, principalmente, na busca do *aggiornamento* de São João XXIII, e na recepção conciliar realizada na Conferência de Medellín [Colômbia, 1968]. Seguindo esta tradição, *Amazonizar* é transformar o modo de pensar e de viver a fé na Igreja Católica Apostólica Romana dentro do mundo hodierno em que vivemos hoje, agora mesmo. *Amazonizar* é repensar a Igreja, o mundo e a simbiótica relação entre os dois, com tudo que os aproxima e os afasta; em suas diferenças e igualdades, compõem a realidade desta época. Não é sem confronto e conflito que surge este verbo, mas a ele convergem todas as pessoas de boa vontade que desejam uma profunda conversão, uma profunda mudança de postura.

O Documento Final do Sínodo para a Amazônia argumenta que “Cristo aponta para a Amazônia”. Ele liberta a todos do pecado e outorga a dignidade dos filhos de Deus. Ouvir a Amazônia, no espírito próprio de discípulo à luz da Palavra de Deus e da Tradição, levamos a uma profunda conversão de nossos planos e estruturas a Cristo e ao seu Evangelho [SÍNODO DOS BISPOS - DOCUMENTO FINAL, 2019, p. 13].

Clodovis Boff nos diz que a Teologia tem por objeto material tratar de Deus e tudo o que se refere a ele, isto é, o mundo universo: a criação, a salvação e tudo o mais. E isso está já na palavra mesma de “teologia”: estudo de Deus. Mas como Deus é o “Determinante de tudo”, então, qualquer coisa pode ser objeto de consideração do teólogo. Deus, com efeito, pode ser definido como “a Realidade que



determina todas as realidades”. [...] Ela toma como “objeto” aquela dimensão da realidade que diz respeito ao Sentido supremo e por isso totalizante de tudo e de cada coisa. [...] Poderíamos falar, com outras palavras, assim: Deus é o objeto “principal” da teologia; tudo o mais é objeto “consequencial”. De fato, a fé diz respeito em primeiro lugar a Deus, e das demais coisas só por consequência, ou seja, por causa de Deus [BOFF, 2018, p. 43-44].

Amazonizar é colocar a Região Pan-Amazônica enquanto lugar teológico: o lugar social dos pobres e marginalizados.

Francisco de Aquino Júnior afirma que a expressão “lugar teológico” tem uma longa tradição na teologia e ganhou muita relevância no contexto da teologia pós-conciliar, particularmente na teologia da libertação. [...] Na América Latina, a expressão “lugar teológico” foi utilizada também e de modo especial para indicar o “lugar social” da revelação da fé e da teologia. Esse sentido que aparece em muitos textos teológico-pastorais foi elaborado e desenvolvido, sobretudo, pelos teólogos salvadorenhos Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino. “Lugar teológico” diz respeito, aqui, ao “lugar social” no qual o Deus bíblico se revelou e continua se revelando e, conseqüentemente, ao “lugar social” mais adequado da fé [práxis teológica] e de sua

intelecção [teoria teológica]. [...] Falar de “lugar social” implica reconhecer que “a sociedade tem ‘lugares’ distintos, ao menos distintos, porque em muitos casos podem ser opostos e mesmo contrapostos”. E implica reconhecer o caráter histórico-social do conhecimento, bem como de sua possível e comprovada ideologização. [...] Desde o princípio, os teólogos da libertação se deram conta tanto da

importância do lugar social no fazer teológico quanto do fato de o mundo dos pobres e marginalizados constituir o lugar social fundamental da revelação, da fé e da teologia cristã. [...] A problemática do lugar social da teologia é, certamente, o aspecto mais complexo e mais conflitivo, mas também o mais bíblico, mais profético e mais eficaz da teologia da libertação.

É mais complexo e conflitivo porque toca em interesses bem concretos e desmascara a instrumentalização ideológica da teologia. Não se deve esquecer que a teologia foi e continua sendo usada para legitimar as mais diferentes formas de injustiça: econômica, social, política, cultural, étnico-racial, religiosa, de gênero, sexual, ecológica, etc. É mais bíblico porque recupera a característica mais marcante da ação de Deus e da relação com ele na história de Israel e na práxis de Jesus de Nazaré: o direito e a justiça aos pobres e oprimi-



Amazonizar é colocar a Região Pan-Amazônica enquanto lugar teológico: o lugar social dos pobres e marginalizados.



dos. Mais profética e mais eficaz porque se confronta com situações históricas concretas atuais de injustiça e opressão e favorece teórica e praticamente processos históricos concretos atuais de libertação [AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 61.63.65-66.68].

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, tem o sentimento profundo de dar uma grande atenção à Região Pan-Amazônica e aos povos que ali habitam, em especial, os povos indígenas. Com Francisco aprendemos que *Amazonizar* é criar novos caminhos para uma Igreja em saída, missionária, samaritana, com rosto indígena, migrante, jovem, camponês, afrodescendente, e para uma ecologia integral. Mesmo não estando na Amazônia, podemos assumir em nossas Comunidades Eclesiais de Base, em nossas paróquias e dioceses espalhadas pelo país, o clamor da Terra e o clamor dos pobres. Durante o encontro com o Episcopado Brasileiro, na Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco apontou a Amazônia como teste decisivo, banco de prova para a Igreja no Brasil e a sociedade brasileira: “Há um último ponto sobre o qual gostaria de deter-me e que considero relevante para o caminho atual e futuro não só da Igreja no Brasil, mas também de toda a estrutura social: a Amazônia. A Igreja está na Amazônia, não como aqueles que têm as malas na mão para partir depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início que a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e lá continua presente e determinante no futuro daquela área[...]”.

E continua o Papa Francisco. “Queria convidar todos a refletirem sobre o que Aparecida disse a propósito da Amazônia, incluindo o forte apelo ao respeito e à salvaguarda de toda a criação que Deus confiou ao homem, não para que a explorasse rudemente, mas para que tornasse ela um jardim. [...] Mas eu gostaria de acrescentar que deveria ser mais incentivada e relançada a obra da Igreja. Fazem falta formadores qualificados, especialmente formadores e professores de teologia, para consolidar os resultados alcançados no campo da formação de um clero autóctone, inclusive para se ter sacerdotes adaptados às condições locais, e consolidar, por assim dizer, o ‘rosto amazônico’ da Igreja. Nisto lhes peço, por favor, para serem corajosos, para terem *parresia!* No modo ‘porteño’ [de Buenos Aires] de falar, lhes diria para serem destemidos. [...] A Igreja não é jamais uniformidade, mas diversidades que se harmonizam na unidade, e isso é válido em toda a realidade eclesial” [FRANCISCO, 2013, n. 106-108].

No momento em que escrevo este artigo, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* nos convida a sonhar com o Papa Francisco; ele formula quatro sonhos que a Amazônia lhe inspira; afinal, *sonhar é Amazonizar*: “Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida. Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana. Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora



beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas. Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos” [FRANCISCO, 2020].

Amazonizar a Teologia, seguindo as intuições do Concílio Ecumênico Vaticano II e do Sínodo para a Amazônia é acolher com imensa alegria e compromisso *O Pacto das Catacumbas pela Casa Comum – por uma Igreja com rosto amazônico, pobre, servidora, profética e samaritana*:

Catacumbas de Domitila, 20 de outubro de 2019.

Por uma Igreja com rosto amazônico, pobre e servidora, profética e samaritana

Nós, participantes do Sínodo Pan-amazônico, partilhamos a alegria de habitar em meio a numerosos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, migrantes, comunidades na periferia das cidades desse imenso território do Planeta. Com eles temos experimentado a força do Evangelho que atua nos pequenos. O encontro com esses povos nos interpela e nos convida a uma vida mais simples de partilha e gratuidade. Marcados pela escuta dos seus clamores e lágrimas, acolhemos de coração as palavras do Papa Francisco:

“Muitos irmãos e irmãs na Amazônia carregam cruces pesadas e aguardam pela consolação libertadora do Evangelho,

pela carícia de amor da Igreja. Por eles, com eles, caminhemos juntos”.

Evocamos com gratidão aqueles bispos que, nas Catacumbas de Santa Domitila, ao término do Concílio Vaticano II, firmaram o Pacto por uma Igreja servidora e pobre. Recordamos com veneração todos os mártires membros das comunidades eclesiais de base, de pastorais e movimentos populares; lideranças indígenas, missionárias e missionários, leigos e leigas, padres e bispos, que derramaram seu sangue, por causa desta opção pelos pobres, por defender a vida e lutar pela salvaguarda da nossa Casa Comum. À gratidão por seu heroísmo unimos nossa decisão de continuar sua luta com firmeza e coragem. É um sentimento de urgência que se impõe ante as agressões que hoje devastam o território amazônico, ameaçado pela violência de um sistema econômico predatório e consumista.

Diante da Trindade Santa, de nossas Igrejas particulares, das Igrejas da América Latina e do Caribe e daquelas que nos são solidárias na África, Ásia, Oceania, Europa e no norte do continente americano, aos pés dos apóstolos Pedro e Paulo e da multidão dos mártires de Roma, da América Latina e em especial da nossa Amazônia, em profunda comunhão com o sucessor de Pedro, invocamos o Espírito Santo, e nos comprometemos pessoal



e comunitariamente com o que se segue:

1. Assumir, diante da extrema ameaça do aquecimento global e da exaustão dos recursos naturais, o compromisso de defender em nossos territórios e com nossas atitudes a floresta amazônica em pé. Dela vêm as dádivas das águas para grande parte do território sul-americano, a contribuição para o ciclo do carbono e regulação do clima global, uma incalculável biodiversidade e rica sociodiversidade para a humanidade e a Terra inteira.

2. Reconhecer que não somos donos da mãe terra, mas seus filhos e filhas, formados do pó da terra [Gn 2,7-8], hóspedes e peregrinos [1Pd 1,17b e 1Pd 2,11], chamados a ser seus zelosos cuidadores e cuidadoras [Gn 1,26]. Para tanto, comprometemo-nos com uma ecologia integral, na qual tudo está interligado, o gênero humano e toda a criação porque a totalidade dos seres são filhas e filhos da terra e sobre eles paira o Espírito de Deus [Gn 1,2].

3. Acolher e renovar a cada dia a aliança de Deus com todo o criado: “De minha parte, vou estabelecer minha aliança convosco e com vossa descendência, com todos os seres vivos que estão convosco, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que convosco saíram da arca [Gn 9,9-10 e Gn 9,12-17].

4. Renovar em nossas igrejas a opção preferencial pelos pobres, em especial pelos povos originários, e junto com eles ga-

rantir o direito de serem protagonistas na sociedade e na Igreja. Ajudá-los a preservar suas terras, culturas, línguas, histórias, identidades e espiritualidades. Crescer na consciência de que estas devem ser respeitadas local e globalmente e, conseqüentemente favorecer, por todos os meios ao nosso alcance, que sejam acolhidas em pé de igualdade no concerto mundial dos demais povos e culturas.

5. Abandonar, como decorrência, em nossas paróquias, dioceses e grupos toda espécie de mentalidade e postura colonialista, acolhendo e valorizando a diversidade cultural, étnica e linguística num diálogo respeitoso com todas as tradições espirituais.

6. Denunciar todas as formas de violência e agressão à autonomia e direitos dos povos originários, à sua identidade, aos seus territórios e às suas formas de vida.

7. Anunciar a novidade libertadora do evangelho de Jesus Cristo, na acolhida ao outro e ao diferente, como sucedeu com Pedro na casa de Cornélio: “Vós bem sabeis que a um judeu é proibido relacionar-se com um estrangeiro ou entrar em sua casa. Ora, Deus me mostrou que não se deve dizer que algum homem é profano ou impuro” [At 10,28].

8. Caminhar ecumenicamente com outras comunidades cristãs no anúncio inculturado e libertador do evangelho, e com as outras religiões e pessoas de boa vontade, na solidariedade com os povos originários, com os pobres e pequenos,



na defesa dos seus direitos e na preservação da Casa Comum.

9. Instaurar em nossas igrejas particulares um estilo de vida sinodal, onde representantes dos povos originários, missionários e missionárias, leigos e leigas, em razão do seu batismo, e em comunhão com seus pastores, tenham voz e voto nas assembleias diocesanas, nos conselhos pastorais e paroquiais, enfim em tudo que lhes compete no governo das comunidades.

10. Empenhar-nos no urgente reconhecimento dos ministérios eclesiais já existentes nas comunidades, exercidos por agentes de pastoral, catequistas indígenas, ministras e ministros e da Palavra, valorizando em especial seu cuidado em relação aos mais vulneráveis e excluídos.

11. Tornar efetiva nas comunidades a nós confiadas a passagem de uma pastoral de visita a uma pastoral de presença, assegurando que o direito à Mesa da Palavra e à Mesa de Eucaristia se torne efetivo em todas as comunidades.

12. Reconhecer os serviços e a real diaconia do grande número de mulheres que hoje dirigem comunidades na Amazônia e procurar consolidá-los com um ministério adequado de mulheres dirigentes de comunidade.

13. Buscar novos caminhos de ação pastoral nas cidades onde atuamos, com protagonismo de leigos e jovens, com atenção às suas periferias e aos migrantes, aos trabalhadores e aos desempregados, aos

estudantes, educadores, pesquisadores e ao mundo da cultura e da comunicação.

14. Assumir diante da avalanche do consumismo um estilo de vida alegremente sóbrio, simples e solidário com os que pouco ou nada têm; reduzir a produção de lixo e o uso de plásticos, favorecer a produção e comercialização de produtos agroecológicos, utilizar sempre que possível o transporte público.

15. Colocar-nos ao lado dos que são perseguidos pelo profético serviço de denúncia e reparação de injustiças, de defesa da terra e dos direitos dos pequenos, de acolhida e apoio a migrantes e refugiados. Cultivar amizades verdadeiras com os pobres, visitar as pessoas mais simples e os enfermos, exercitando o ministério da escuta, da consolação e do apoio que trazem alento e renovam a esperança.

Conscientes de nossas fragilidades, de nossa pobreza e pequenez diante de tão grandes e graves desafios, confiemo-nos à oração da Igreja. Que sobretudo nossas Comunidades Eclesiais nos socorram com sua intercessão, afeto no Senhor e, sempre que necessário, com a caridade da correção fraterna.

Acolhemos de coração aberto o convite do Cardeal Hummes para nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo nestes dias do Sínodo e no retorno às nossas igrejas: “Deixem-se envolver no manto da Mãe de Deus e Rainha da Amazônia. Não dei-



xemos que nos vença a autorreferencialidade, mas sim a misericórdia diante do grito dos pobres e da terra. Será necessária muita oração, meditação e discernimento, além de uma prática concreta de comunhão eclesial e espírito sinodal. Este sínodo é como uma mesa que Deus preparou para os seus pobres e nos pede a nós que sejamos aqueles que servem à mesa”.

Celebramos esta Eucaristia do Pacto como “um ato de amor cósmico. Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja de aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo”. A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico “a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador”. “Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira”.

Que Nossa Senhora da Amazônia, a mãe querida que cuida com carinho e preocupação de toda a Região Pan-Amazônica, se compadeça do sofrimento dos povos crucificados; se compadeça dos seres humanos exterminados pela ganância e pela falta de caráter das elites que desde a conquista usam de todos os tipos de violência para dominar e prosperar

em seus interesses egoístas. Que o seu cântico chegue novamente aos ouvidos e ao coração de Deus: “Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” [Lc 1,51-53].

Que a Teologia seja agora e sempre sinônimo de *Amazonizar!*

Que Deus nos faça sempre felizes e dispostos a conjugar em todos os tempos o verbo *Amazonizar!*

Louvado seja o verbo *Amazonizar!*

Awire!

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

FRANCISCO. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si' – Louvado Sejas – sobre o cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Querida Amazônia – Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. Documentos Pontifícios 43. Brasília: Edições CNBB, 2020.

PACTO DAS CATACUMBAS PELA CASA COMUM. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/190-sinodo/593633-pacto-das-catacumbas-pela-casa-comum-por-uma-igreja-com-rosto-amazonico-pobre-eservido>



ra-profetica-e-samaritana. Acesso em: 22 nov. 2021.

SBARDELOTTI, Emerson; BARBOSA, Lula. *Bem Viver*. In: *Canal Músicas da Caminhada*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UYC3xlaYt70&list=PLm-g0xAFrNYcX3itMOYs5ThSazjCjZ9BHX&index=365&t=0s>.

Acesso em: 10 fev. 2020.

SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia: novos caminhos*

para a Igreja e para uma ecologia integral. Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica – Documento Final. Brasília: Edições CNBB, 2019.

Amazonizar: compromissos e horizontes ecológicos



Foto: Marcos Mello / Adobe Stock

Márcia Maria de Oliveira¹

Neste breve artigo retomamos algumas reflexões apresentadas no ‘Painel 02 - Documento Final e Querida Amazônia: Compromissos e horizontes ecoteológicos para os novos caminhos’ apresentados no Segundo Encontro de Ecoteologia realizado pela Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil, em 17 de agosto de 2021. O artigo retoma o itinerário do caminho sinodal e atualiza os desafios da sinodalidade à luz da Ecoteologia, tema transversal dos documentos que fundamentaram o

Sínodo Especial para a Amazônia. ‘Amazonizar representa uma síntese dos antigos e novos desafios da Amazônia apresentados nos documentos sinodais e na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, que nos apresenta um conjunto de caminhos que representam um itinerário de grande importância para a Igreja na Amazônia. Fundamentado em percursos sociais, culturais e ecológicos, o itinerário aponta para uma Igreja que escuta o clamor do povo amazônico, num território ameaçado e marcado pela morte. *Querida Amazônia* reconhece e confirma que o Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para a toda Igreja. Tempo do escutar, refletir e agir, pois “a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar”, afirma o documento aprofundado no Segundo Encontro de Ecoteologia da REPAM.

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia; professora e pesquisadora da Universidade Federal de Roraima; assessora da REPAM.

Introdução

O Documento Final da Assembleia Sinodal apresentou um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas, diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo em permanente exploração desde a colonização, culminando com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

A sinodalidade [caminhar juntos/as] foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos e promover ações que venham ao encontro das necessidades da região, pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.

A síntese de todo o processo sinodal está sistematizada na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, assinada pelo Papa Francisco, que convida toda Igreja a olhar para a Amazônia com o cuidado que a região exige, num contexto histórico complexo que urge por itinerários de luzes e esperanças. Diante disso, o Papa Francisco apresenta a proposta de um caminho fundado em quatro sonhos profundamente teológicos como aqueles sonhados pelos profetas comprometidos com a luta de seu povo e com a transformação da

sociedade injusta.

São sonhos de libertação em tempos de escravidão, opressão e destruição da Casa Comum. O ‘sonho ecológico’ [QUERIDA AMAZÔNIA, n. 41-60] é o sonho feito de águas profundas que recolhe os gritos da Amazônia, na profecia da contemplação, que promove uma educação ecológica capaz de mudar nossa relação com a natureza entendendo que “tudo está interligado nesta casa comum” [LS, n. 91].

A crise ecológica, amplamente discutida e aprofundada em todo o processo sinodal é uma crise social, gerada pelas desigualdades sociais, econômicas e de gênero, que representa uma afronta à Casa Comum e conduz milhões de pessoas para a situação de pobreza, miséria e exclusão em todo o mundo.

A crise ecológica é ampla e complexa e exige um processo profundo de conversão ecológica que questione os padrões culturais, econômicos e sociais, o modo de vida capitalista com suas formas de produção, consumismo exacerbado, acumulação do lucro e das riquezas, a obsolescência, o desperdício e a produção descontrolada do lixo material e humano.

A conversão ecológica exige o reconhecimento do pecado ecológico e uma mudança profunda orientada por uma evangelização fundamentada na Teologia da Criação e no compromisso com o cuidado [zelo amoroso] da nossa Casa Comum. A conversão ecológica desafia o reconhecimento da Terra como sujeito de direitos e pede que escutemos o “grito da terra” que clama e espera uma res-

posta ecoteológica a tudo que provoca dor e sofrimento.

O Sínodo para a Amazônia acontece em um momento de grande urgência climática e de uma profunda crise socioambiental. É indispensável uma conversão ecológica, que implica mudanças de mentalidade, de estilo de vida, nos modos de produção e práticas de acumulação, consumo e desperdício. Já sabemos que “mais tarde, será tarde demais”!, afirma o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si’*.

À luz da Encíclica *Laudato Si’*, a Ecoteologia fundamenta-se numa reflexão permanente do cuidado da Casa Comum e exige uma profunda conversão à Espiritualidade Ecológica com impactos em todas as dimensões da vida [social, política, econômica, cultural, religiosa...]. Ao mesmo tempo, representa uma dimensão da Ecoteologia Integral ensinada pela experiência milenar dos povos indígenas, do aprendizado permanente dos camponeses(as), das comunidades quilombolas [afrodescendentes] e demais povos e comunidades tradicionais, com suas vivências e espiritualidades. A Ecoteologia Integral é uma importante referência para o aprofundamento teológico e pastoral, em perspectiva ecumênica e inter-religiosa, tendo em vista o desenvolvimento de uma Doutrina Socioambiental da Igreja. Aliada à opção preferencial pelos pobres, o Sínodo para Amazônia oportuniza uma opção preferencial pela Criação na perspectiva da Ecoteologia Integral, enquanto ainda há tempo, assumindo a missão do cuidado da Casa Comum, propondo linhas de ação institucionais que promovam o respeito pelo meio ambiente.

A Ecoteologia se projeta nos programas de formação formais e informais sobre o cuidado da Casa Comum para agentes pastorais e todos os fiéis, abertos à comunidade inteira¹, em “um esforço de formação das consciências”, denunciando a violação dos direitos humanos e a destruição extrativista².

‘Amazonizar’ como convocação à sinodalidade

Em pleno processo sinodal, as escutas realizadas em toda Pan-Amazônia durante a segunda metade de 2018, apontaram muitas novidades. Uma delas foi a pertinência da reinvenção do verbo *amazonizar*³. Trata-se de um novo vocábulo a ser incluído futuramente à gramática da língua portuguesa, graças à sua popularidade a partir do Sínodo para a Amazônia.

Até onde se sabe, o termo *amazonizando* foi usado pela primeira vez em 2005 [HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005] com o sentido de ter a Amazônia como tema indispensável para quem está preocupado com o futuro do planeta. Por sua vez, o termo *amazonizar* foi usado por Dom Moacyr Grechi, em 2005, no

2 Síntese dos documentos: *Instrumentum Laboris*, 214; Encíclica *Laudato Si’* capítulos V e VI; *Instrumentum Laboris*, 56.

3 *Amazonizar* é um neologismo de um verbo de ação que indica primeiramente um extenso e intenso processo de estudo e conhecimento sobre a Amazônia. É preciso conhecer para amar, proteger e defender, evocam os clamores dos povos da Amazônia em praticamente todos os relatórios das Escutas Sinodais realizadas nas pequenas comunidades, nos fóruns amplos de debates nacionais e internacionais, nas assembleias territoriais realizadas em todas as dioceses e prelazias da Amazônia.

artigo “Mutirão pela Amazônia: espírito missionário e sensibilização da sociedade” [GRECHI, 2005]. Neste artigo, o bispo aponta a necessidade de a Igreja *amazonizar* o Brasil com ações de formação para a Ecoteologia, e de uma educação que eduque para a proteção ambiental, para a paz e solidariedade a partir da Amazônia.

Sínodo da Amazônia e os desdobramentos do processo sinodal despertaram a preocupação de muitas pessoas que não estão acostumadas a ser questionadas sobre sua atuação pessoal, social ou institucional com relação a uma temática que realmente incomoda: a questão ambiental. O modelo de sociedade baseado na Ecoteologia Integral desafia a sociedade a se deixar *amazonizar*, para *amazonizar* as cidades, o coração da Igreja e dos governantes, e o mundo inteiro. É o projeto que se contrapõe à internacionalização da Amazônia. Significa garantir os direitos humanos dos povos que vivem e convivem diariamente com as florestas, rios e lagos sem desmatar, queimar ou contaminar. “É preciso haver padres, religiosos(as), leigos e leigas capazes não apenas de falar sobre o meio ambiente, mas de ancorá-lo em problemas reais. Isso não foi feito, e é por isso que a mensagem [da Encíclica *Laudato Si'*] não teve o impacto que

deveria ter tido” [Papa Francisco em Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018]⁴.

O mundo amazônico pede que sejamos seu aliado [FRANCISCO, 2019b, n. 14]. A Igreja deve reafirmar mundialmente a Pan-Amazônia, com seus aspectos culturais, alta diversidade biológica e a proteção do equilíbrio ecológico, como um órgão vital para o planeta, e que a harmonia com a Casa Comum deve garantir os territórios para os povos originários e populações tradicionais, de forma a proporcionar a sua integridade física e bem-estar.

É caminhar para declarar [com profecia e audácia] a Amazônia como Santuário Intangível e Imemorial da Casa Comum, e decretar uma longa moratória das atividades extrativas predatórias, petroleiras e mineradoras, e de produção agropecuária extensiva que destroem florestas e rios, assegurando o direito à consulta livre, prévia e informada das populações para todas as atividades econômicas propostas para esses territórios [Convenção 169 da OIT]. “Toda a atividade da Igreja na Amazônia deve começar pela integralidade do ser humano [vida, território e cultura]”



“O mundo amazônico pede que sejamos seu aliado.”

Papa Francisco

4 Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2018/03/mensagem-do-papa-amazonia-inspira-esperanca-sera-ira-trazer-acoeh/>. Acesso em: 15 ago. 2021.



[FRANCISCO, 2019b, n. 49]. Nessa perspectiva se amplia a noção de justiça e comunicação intergeracional, que inclui a transmissão da experiência ancestral, cosmologias, espiritualidades e teologias dos povos indígenas, em volta do cuidado da Casa Comum.

A humanidade caminha para o reconhecimento da Natureza como sujeito de direito; assim, os humanos não podem mais submeter os recursos da Natureza a uma exploração meramente comercial ilimitada, que coloca em risco a própria humanidade dependente de uma mentalidade colonialista e utilitarista em busca do lucro. Natureza como sujeito de direito tem no Bem Viver um modelo de sociedade universal [FRANCISCO, 2019b, n. 12].

O Bem Viver reconhece a natureza como sujeito de direito e entende a Amazônia, enquanto território multidimensional e multiétnico, um *lócus* importante para um movimento em prol da Ecoteologia Integral. Na perspectiva do Bem Viver, a sociodiversidade é a base da vida, dos sistemas de trocas e das diversas formas de cooperação, numa permanente inter-relação que reconhece que tudo está interligado.

Ao assumir o Bem Viver como projeto de sociedade, a Igreja se transforma em horizonte de libertação e aponta o caminho para a conversão ecológica, por meio de uma consciência ecológica inserida no processo de formação e iniciação à vida cristã; a vivência da Ecoteologia, que resgata elementos fundamentais da doutrina e da espiritualidade cristãs, com o novo olhar do pensar ecológico; uma ecoespiritualidade que se valorizada, dará destaque às fontes de espiritualidade e à valorização do

patrimônio espiritual cristão.

Reconhecer que a Ecoteologia Integral é capaz de integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra quanto o clamor dos pobres [LS, n. 49].

“Para cuidar da Amazônia, as comunidades originárias constituem interlocutores indispensáveis, pois em geral são precisamente elas que melhor cuidam de seus territórios [LS, n.149], e organizadas defendem seus territórios como fazem os povos indígenas, verdadeiros ‘guardiões da floresta’.

Na resignificação do verbo *amazonizar*, apresenta-se a palavra com muitos significados, dependendo de onde é acionada e dos objetivos que se propõe. No campo político, é uma resposta ao disparate economicista da internacionalização da Amazônia. Ao invés de internacionalizar a Amazônia, propõe-se concretamente *amazonizar* o mundo. Isso significa carregar o mundo de sentido, de sensibilidade, de contemplação, de admiração e comprometimento para com a obra da criação presente na exuberância da Amazônia. Evoca respeito às identidades culturais forjadas a partir da relação de respeito e de convivência com a natureza.

Nessa perspectiva, *amazonizar* é o mesmo que encontrar o *locus* ou o lugar comum de cada um e cada uma na grande Casa Comum, e compreender que a terra, a floresta e os rios simbolizam o *locus* da organização social e política, lugar da produção e transmissão de práticas sustentáveis que se encontram em todos os lugares da Amazônia. Do latim, *locus* significa literalmente “lugar”, “posição”, “local”.

Representa o “lugar”. Para os povos ameríndios, a Amazônia representa a sua casa coletiva, seu lugar por excelência. Para os Povos da Amazônia, a terra não é propriedade, é lugar e espaço vivencial.

A Amazônia da Casa Comum não é terreno nem gleba que se negocia no mercado imobiliário. É *locus* e território imaginado, sentido e vivenciado. Lugar da memória e do respeito aos antepassados. É o lugar da Agroecoteologia, do extrativismo responsável voltado para a sobrevivência, da pesca, da festa, dos jogos e danças tradicionais. Neste sentido, *amazonizar* representa o modo de se conviver com o bioma amazônico. Este é um grande desafio a ser reaprendido com os Povos Tradicionais da região, de maneira especial os povos indígenas, camponeses e ribeirinhos [OLIVEIRA, 2012].

Antecedentes históricos do verbo Amazonizar

Historicamente, em muitos contextos da Amazônia, o verbo *amazonizar* foi sendo evocado como memória de resistência a um processo intenso de violência praticado contra a Amazônia desde a colonização. Os relatos dos cronistas das primeiras viagens de portugueses e espanhóis, ao longo dos rios Solimões e Amazonas, nos séculos XVI e XVII, fazem inúmeras referências à abundância de alimentos que encontraram em todas as povoações ao longo dos rios principais e de seus afluentes, à alta densidade populacional de numerosas “nações” que habitavam a região [DANIEL,

2004, v. 1- 2].

Projeções feitas a partir de documentos e de pesquisas arqueológicas [SOUZA *et al.* 2018] estimam a população indígena, antes da colonização, entre 8 e 10 milhões de indígenas somente na Amazônia. A perspectiva histórica desses povos foi interrompida de forma brusca e violenta pelo projeto colonial [PORRO, 2006] que, valendo-se da guerra, da escravidão, da ideologia religiosa e das doenças, provocou na Amazônia uma das maiores catástrofes demográficas da história da humanidade, além de um etnocídio sem precedentes [DANIEL, 2004, v. 1- 2].

Em debates mais específicos, realizados nos diversos fóruns do Processo Sinodal, o verbo *amazonizar* representou um esforço coletivo para tornar conhecidas as inúmeras experiências de convivência com a Amazônia, tanto no campo como nas cidades. Atualmente, muitas são as instituições preocupadas e empenhadas na busca de meios e possibilidades de uma convivência que retome e dê novos significados à construção de relações humanas baseadas em práticas de cooperação e de participação, buscando alternativas para se viver na lógica da economia solidária pautada na partilha e na solidariedade, nas relações de convivência, respeito e cuidado com a terra, as águas e as florestas.

A reinvenção do verbo *amazonizar* foi acrescida a partir de uma provocação à reflexão do tema da internacionalização da Amazônia, tendo por referência os debates levantados durante o processo de escuta do Sínodo para a Amazônia. De fato, o tema da

internacionalização da Amazônia não é novo e, frequentemente, vem à tona. De acordo com Medeiros [2012], o termo vem sendo acionado desde 1964. Entretanto, de acordo com o autor,

Há momentos específicos de maior ocorrência, como em 1989 [queda do muro de Berlim e, no Brasil, retomada de eleições diretas para presidente] e, com maior intensidade, em 1991 [CPI da Internacionalização da Amazônia; preparativos para a ECO-92; demarcação da terra indígena Yanomami]. Essas relações entre eventos históricos específicos e maior ocorrência da categoria na mídia escrita não são aleatórias, elas indicam que há um vínculo estreito entre leituras específicas sobre a conjuntura internacional e nacional [estratégias militares, mudanças na configuração das potências econômico-militares, crescimento de propostas ambientais] e novos arranjos político-institucionais nacionais. Essas relações impactam diretamente sobre as estratégias de difusão de um modo particular de conceber o território amazônico. [MEDEIROS, 2012, p. 129].

A internacionalização apareceu como alternativa dos governos militares quando nossa dívida externa atingia cifras exorbitantes e as estratégias políticas do entreguismo e da privatização pareciam ser a saída para o país. Nos frágeis processos de redemocratização iniciados em meados da década de 1980, o tema da internacionalização da Amazônia

continuava em pauta em recorrentes pronunciamentos em eventos internacionais. Entretanto, desde os primórdios da colonização, os povos dessa imensa região enfrentam as piores investidas internacionais sobre seu território e procuram resistir de forma coesa e organizada. De maneira especial, os inúmeros povos indígenas têm se posicionado em defesa da Amazônia e enfrentado todo tipo de violência e opressão por causa da luta em defesa da Ecoteologia Integral nesta grande Casa Comum.

A resistência à internacionalização da Amazônia e a defesa da soberania de seus povos se fizeram muito presentes nos relatórios das escutas sinodais em diversos grupos e fóruns de discussão. Em praticamente todos os relatórios das escutas, desde as rodas de conversa, passando pelas Assembleias Territoriais e chegando até os seminários e fóruns temáticos, os clamores dos povos da Amazônia se fizeram ouvir em defesa do ordenamento de seus territórios, especialmente os territórios tradicionais, apelando pela racionalidade do uso dos recursos naturais, de acordo com a proposta da Ecoteologia Integral, comprovada na vivência dos povos tradicionais [OLIVEIRA, 2019].

Nessa conjuntura, os povos da Amazônia propõem a *amazonização* do mundo e não a internacionalização da Amazônia [HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005]. Por isso, *amazonizar* encontra-se estreitamente relacionado com a proposta da Ecoteologia Integral que se faz presente nas práticas de cultivo e coleta de recursos naturais, que são baseadas no cui-

dado e no respeito pela natureza como parte da vivência coletiva. Para os povos indígenas, camponeses, afrodescendentes, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, pescadores, ambientalistas e gente simples das periferias das cidades, a Amazônia representa a casa comum de todos os povos. Na casa comum, todos e todas vivem do resultado do trabalho cotidiano, sem acumulação e sem exclusão. Isso é *amazonizar*.

Amazonizar como verbo do tempo presente no Processo Sinodal

O modelo de sociedade baseado na Ecológica Integral desafia a sociedade a se deixar *amazonizar*, para *amazonizar* as cidades, o coração da Igreja e dos governantes, e o mundo inteiro. Neste sentido, *amazonizar* é o projeto que se contrapõe a um modelo desenvolvimentista. Significa garantir os direitos humanos dos povos que vivem e convivem diariamente com as florestas, rios e lagos, sem desmatar, queimar ou contaminar. Significa um modo de vida que garanta direitos e dignidade para todas as pessoas num modelo de sociedade incluyente, justo e fraterno.

Por tudo isso, *amazonizar* é o verbo do tempo presente assimilado, reconhecido e retomado no processo sinodal. O coração da Igreja deixou-se *amazonizar* pelo texto-base que orientou a primeira etapa do processo sinodal posteriormente sistematizado no *Instrumentum Laboris*, o Documento de Trabalho que orientou a Assembleia Sinodal e a elaboração do Documento Final do Sínodo Especial para

a Amazônia.

Na conjuntura atual, *amazonizar* está estreitamente interligado com a defesa da Amazônia novamente entregue às chamas da destruição capitalista do agronegócio que vem enterrando florestas, rios, animais, peixes e povos inteiros debaixo de imensas plantações de soja, milho e gado sob o domínio do latifúndio que toma conta da Amazônia espalhando a morte em todo o bioma. Nesta perspectiva, *amazonizar* implica em tomada de posição radical no campo político, social, econômico e religioso, pois implica em reconhecer que matar a Amazônia e seus povos é pecado ecológico imperdoável.

O processo sinodal fez ecoar novamente o verbo *amazonizar* e colocou em marcha transformações profundas e necessárias que estão em curso na Amazônia desde os primórdios da colonização. Transformações que exigem mudanças de paradigmas de toda sociedade, de todo planeta na encruzilhada da difícil escolha entre a vida e a morte de toda a criação [OLIVEIRA, 2017].

A Exortação Pós-Sinodal Querida Amazônia se deixou amazonizar?

O processo sinodal culminou com a *Querida Amazônia*, a Exortação Pós-Sinodal assinada pelo Papa Francisco, que continua conjugando o verbo *amazonizar* quando nos convoca para fazer frente às economias destruidoras, como a mineração em todas as suas escalas, os setores madeireiro, energético e fabril, que vão abrindo/deixando rastros de destruição

em toda Amazônia. O documento nos apresenta um conjunto de caminhos que representam um itinerário de grande importância para a Igreja na Amazônia continuar *amazonizar*. Fundamentado em percursos sociais, culturais e *ecológicos*, o *itinerário amazonizar aponta para uma Igreja que escuta o clamor do povo amazônico* num território ameaçado e marcado pela morte.

Com a *Querida Amazônia* o Papa Francisco convida toda Igreja a olhar para a Amazônia com o cuidado que a região exige, num contexto histórico complexo que urge por itinerários de luzes e esperanças. Diante disso, o Papa Francisco apresenta a proposta de um caminho fundado em quatro sonhos profundamente teológicos como aqueles sonhados pelos profetas comprometidos com a luta de seu povo e com a transformação da sociedade injusta. São sonhos de libertação em tempos de escravidão, opressão e destruição da Casa Comum.

Querida Amazônia nos coloca diante do ‘sonho social’ que nos desperta e nos desinstala para colocar-nos em marcha de luta que exige coragem para *amazonizar* e denunciar todas as formas de violência que nosso povo sofre por causa da defesa e do cuidado da Casa Comum. O sonho social representa um outro modo de vida possível, baseado no Bem Viver e na participação coletiva. É o sonho que nos desperta e nos convoca para despir-nos do pensamento colonialista e mudar nosso pensamento e nossas práticas sociais apostando nas forças presentes nas comunidades indígenas, camponesas, ribeirinhas, quilom-

bolas, nas periferias das grandes cidades, nos círculos dos migrantes e refugiados, no protagonismo das mulheres e da juventude.

Como quem se deixou *amazonizar*, a Exortação papal *Querida Amazônia* nos apresenta o ‘sonho cultural’ do Papa Francisco e de todos nós. É o sonho que recobra a esperança guardada por milênios de anos pelos nossos ancestrais, manifestada de forma especial pelos Povos Indígenas, com seu testemunho profundo de luta e resistência histórica que suporta mais de quinhentos anos de colonização. *Amazonizar* neste itinerário cultural implica em reconhecer que os povos indígenas são depositários da diversidade cultural que representa uma grande riqueza para a Amazônia e para o mundo. Saber acolher e interagir com essa diversidade cultural é um caminho necessário para uma Igreja que quer se pautar pelo encontro e pelas trocas interculturais, que toma partido e assume a causa dos pobres e marginalizados, dos povos indígenas, camponeses, quilombolas, migrantes... em que todos e todas têm vez, voz e lugar.

Deixando-se *amazonizar*, o Papa Francisco nos apresenta na *Querida Amazônia* o ‘sonho ecológico’ semeado em 2015 na Encíclica *Laudato Si’*. Neste sonho, “tudo está interligado nesta Casa Comum” que é a Amazônia com seu bioma exuberante e ao mesmo tempo frágil e ameaçado. Este sonho nos desperta para nos somarmos com as lideranças socioambientais em defesa da Casa Comum, mesmo que tenhamos que pagar com nossas vidas. São muitas as vidas ceifadas na defesa do território. A terra está banhada em sangue e faz germinar

sementes de resistência cultivadas nas rodas sociais e movimentos populares que se deixam *amazonizar* e se encantar pelo mistério da criação na imensidão de nossos rios, pela beleza de nossas florestas, pelo perfume das flores de nossos cerrados e lavrados, pela diversidade de nossa espiritualidade contemplativa que nos permite ouvir o grito de dor que ecoa floresta adentro e rios afora.

Amazonizar, nesta perspectiva, é entender que a criação pede socorro, que as chamas precisam ser apagadas, a contaminação das mineradoras, dos garimpos e do agronegócio precisa ser interrompida. *Amazonizar* o sonho ecológico é gritar com todos os povos que precisamos das águas puras que nos garantem o peixe nosso de cada dia. Por isso se faz necessário e urgente enfrentar os grilhões da avareza, da economia capitalista que espalha terror e morte ao povo e ao território.

No itinerário dos sonhos do Papa Francisco, a eclesiologia recolhe todos os caminhos percorridos e lança novos caminhos no horizonte da libertação para uma Igreja capaz de se deixar *amazonizar* e gerar vida nova alimentada pelos sacramentos como sinais de esperança, capaz de acolher e cultivar a diversidade de culturas, identidades e espiritualidades.

REFERÊNCIAS

DANIEL, Padre João. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Apresentação de Vicente Salles. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, vol. 1- 2.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília:

Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. *Documento Final da Assembleia Sínodal*. Brasília: Edições CNBB, 2019a.

FRANCISCO. *Instrumentum Laboris* – Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2019b.

FRANCISCO. *Querida Amazônia* – Exortação Apostólica Pós-Sínodal. Documentos Pontifícios 43. Brasília: Edições CNBB, 2020.

GRECHI, Moacir. Mutirão pela Amazônia: espírito missionário e sensibilização da sociedade. In: MATA, Pe. Raimundo P.; TADA, Ir. Cecília [Orgs.]. *Amazônia, desafios e perspectivas para a missão*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 201-206.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, n. 19, v. 53, 2005, p. 237-255.

MEDEIROS, Rodrigo A. L. de. *Decodificando a internacionalização da Amazônia em narrativas e práticas institucionais: governos da natureza no Brasil e nos EUA*. 2012. 319 f. Tese [Doutorado em Ciências Sociais] - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

OLIVEIRA, Márcia M. de. A casa de farinha como lócus de transformação e alternativas de sustentabilidade. In: TORRES, I. C. [Org.]. *O Ethos das mulheres da floresta*. Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.

OLIVEIRA, Márcia M. de. Ecoteologia na Amazônia à luz da *Laudato Si'* na trilha dos povos ameríndios. *Revista de Ecoteologia*, Brasília, v. 2, 2. ed. nov. 2017, p. 13-20.

OLIVEIRA, Márcia M. de. Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano XXVII, n. 94, jul/dez 2019, p. 8-20.

PORRO, João. Um tesouro redescoberto: os capítulos inéditos da Amazônia de Pe. João Daniel. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 2006, n. 43, p. 127-147.

SOUZA, Jonas G.; SCHAAN, Denise P.; ROBINSON, Mark *et al.* Pre-Columbian earth-builders settled along the entire southern rim of the Amazon. *Nature Commu-*

nications 9(1), 2018, p. 1125.

Ecoteologia e sinodalidade decolonial na perspectiva dos povos indígenas



Foto: Wallace Teixeira / Shutterstock.com

Márcia Maria de Oliveira¹
Gilmara Fernandes Ribeiro²
Jama Peres³

Este breve artigo é uma singela contribuição e uma forma de compartilhar breves memórias do processo sinodal que conduziu a Igreja da Amazônia no processo preparatório ao Sínodo Especial para a Amazônia, intitulado 'Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral'. Ao mesmo tempo, apresentamos alguns resultados no processo pós-sinodal em pleno andamento. Recolhe fragmentos dos principais documentos preparatórios, do Do-

cumento Final da Assembleia Sinodal e da Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*. Traz para o debate a temática da Ecologia Integral que foi o tema transversal do Sínodo, passando, necessariamente pelo debate da Encíclica *Laudato Si'* à luz da ecoteologia. Por fim, apresenta a sinodalidade como caminho e caminhada da Igreja da Amazônia e uma orientação para toda Igreja descolonizar suas práticas e metodologias pastorais à luz da sinodalidade, o que representa importantes rupturas nos itinerários de toda Igreja num processo de aprendizado com os Povos Indígenas.

Introdução

No seu anúncio do Sínodo Especial para a Amazônia, em 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco enfatizava o caráter abrangente do sínodo, sua preocupação em apontar novos caminhos para a evangelização e o desafio da escuta aos Povos Indígenas:

1 Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia; Professora da Universidade Federal de Roraima; Assessora da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM);

2 Mestre em Antropologia Social; Coordenadora da Pastoral Indigenista de Roraima; Comitê Roraima da REPAM.

3 Mestre em Letras; Liderança do Povo Wapichana Brasil/Guiana; Eixo Juventudes da REPAM.



Atendendo o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, assim como ouvindo a voz de muitos pastores e fiéis de várias partes do mundo, decidi convocar uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. O Sínodo será em Roma, em outubro de 2019. O objetivo principal desta convocação é identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta. Que os novos Santos intercedam por este evento eclesial para que, no respeito da beleza da Criação, todos os povos da terra louvem a Deus, Senhor do universo, e por ele iluminados, percorram caminhos de justiça e de paz⁴.

O anúncio do Sínodo representa um prenúncio da intensa, ativa e efetiva participação dos Povos Indígenas em todo o processo sinodal com importantes logros para a Igreja e para as lutas e resistências desses povos.

Em sua convocatória oficial o Papa Francisco afirmou que o Sínodo deveria “debater temas relacionados à evangelização dos Povos

4 Anúncio do Sínodo Especial para a Amazônia realizado em outubro de 2019. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/convocado-um-sinodo-especial-para-a-amazonia-a-ser-realizado-em-outubro-de-2019/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

da Amazônia, as possibilidades de uma Ecologia Integral e as lições de convivência e de cuidado com a criação que os Povos Indígenas ensinam para todo o planeta”, e enfatizava: “é bom que agora sejais vós próprios a auto-definir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos escutar-vos”. É o que expressa o Papa Francisco em Porto Maldonado, na abertura oficial do Sínodo Especial para a Amazônia, em 18 de janeiro de 2018⁵.

A ênfase à escuta aos Povos Indígenas nas suas mais variadas línguas, etnias e experiências culturais, nas florestas e nas cidades da Amazônia, foi constante em todo o processo preparatório, durante a Assembleia Sinodal e no processo pós-sinodal. A frase “precisamos escutar-vos” soou como um verdadeiro mandato do Papa Francisco para toda a Igreja. Nas suas organizações internas e internacionais, os Povos Indígenas participaram ativamente de todo o processo sinodal e revelaram seu entendimento e vivência da Ecologia Integral como projeto de vida e de sociedade baseado no Bem Viver. Também nos ensinaram a prática da sinodalidade, tão cara ao Papa Francisco e a todo o colegiado da Assembleia Sinodal.

A sinodalidade na perspectiva

5 O Sínodo da Amazônia começou em Puerto Maldonado. Amazônia: novos caminhos para a Igreja e por uma ecologia integral. É um tema que contém poucas, mas significativas palavras que expressam o conteúdo e a finalidade que levaram à convocação do Sínodo, e delinearão o primeiro encontro no Vaticano. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-04/sinodo-da-amazonia.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.



da descolonização

A sinodalidade, palavra latina que significa caminhar juntos[as], foi o fio condutor da Assembleia Sinodal e o caminho do discernimento sob a orientação do Papa Francisco, para escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham ao encontro das necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta. A sinodalidade fundamenta-se na Constituição Apostólica *Episcopalis Communio [EC]* sobre o Sínodo dos Bispos, lançada pelo Papa Francisco em 2018, em pleno processo sinodal na Amazônia.

O Sínodo dos Bispos deve tornar-se cada vez mais um instrumento privilegiado de escuta do Povo de Deus: Para os Padres sinodais, pedimos, do Espírito Santo, antes de mais nada o dom da *escuta*: escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama. Por isso, embora na sua composição se configure como um organismo essencialmente episcopal, o Sínodo não vive separado do resto dos fiéis. Pelo contrário, é um instrumento adequado para dar voz a todo o povo de Deus precisamente por meio dos bispos, constituídos por Deus autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja, mostrando-se de Assembleia em Assembleia uma expressão eloquente da sinodalida-

de como dimensão constitutiva da Igreja [FRANCISCO, 2018, n. 6].

O processo sinodal, nesta perspectiva da sinodalidade proposta na *Episcopalis Communio*, se baseia numa atitude permanente de escuta e discernimento, especialmente daquela porção do povo de Deus que foi negligenciada nos espaços de fala desde a colonização. A sinodalidade representa uma mudança de paradigmas nas relações de poder da Igreja, na qual o bispo passa a ser ouvinte numa atitude permanente de escuta que dá voz ao povo.

A sinodalidade aponta para uma importante mudança no lugar de fala. Esta mudança foi amplamente experimentada durante todo o processo sinodal por meio dos diversos instrumentos preparatórios que promoveram a escuta de pequenos grupos das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, de grupos de mulheres, jovens, comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, grupos de terreiro de matriz africana, grupos de outras confissões religiosas, movimentos sociais, universidades, instituições internacionais que atuam na Amazônia como parceiras na defesa dos direitos humanos e das questões ecológicas⁶. Em clima de sinodalidade, foram realizados diversos seminários, inclusive no âmbito acadê-

6 Os relatórios dos diversos grupos, movimentos sociais, organismos pastorais, dioceses e prelazias foram sistematizados pela Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM, num documento denominado Síntese das Escutas do Processo Sinodal. Este documento sinaliza a participação direta de cerca de 100 mil pessoas na primeira fase do processo sinodal de junho a dezembro de 2018. Estão disponíveis para consulta no site da REPAM (http://repam.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Hacia-el-Sinodo-Panamazonico_Libro-digital-Ultimo.pdf).



mico, fóruns de debate, mesas-redondas, rodas de conversas, em todas as instâncias de participação coletiva da Igreja Católica na Pan-Amazônia e em outras regiões.

Enquanto metodologia, a sinodalidade coloca em debate modelos de participação popular capazes de gerar processos profundos de transformação observados nas experiências das Comunidades Eclesiais de Base nas décadas de 1980-1990 em toda Pan-Amazônia. Nesta perspectiva, o sínodo dá continuidade ao processo de descolonização da atuação pastoral da Igreja que passa pelo discurso e pelas práticas religiosas e pastorais. Entretanto, trata-se de uma tarefa difícil porque a descolonização implica também em mudanças profundas no pensamento da Igreja. Acionada inúmeras vezes no Documento Preparatório e no *Instrumentum Laboris*, a descolonização implica renunciar a valores etnocêntricos que não respeitam as demais culturas e seus valores. Implica reconhecer os saberes, as ciências e as espiritualidades de outros povos com suas línguas, costumes e culturas. Em poucas palavras, respeitar o outro na sua diferença e não o nivelar numa cultura hegemônica, como a proposta pelo capitalismo que não se encontra apenas no aspecto econômico, mas, incide também com grande força na produção do

pensamento, da religião, da moral, da ética e da política. Descolonizar as práticas pastorais e o pensamento religioso é um dos grandes desafios a que se propõe o Sínodo da Amazônia. O n. 56 do *Instrumentum Laboris* pontua:

O desafio que se apresenta é grande: como recuperar o território amazônico, resgatá-lo da degradação neocolonialista e devolver-lhe seu bem-estar saudável e autêntico? Desde há milhares de anos devemos às comunidades aborígenes o cuidado e o cultivo da Amazônia. Em sua sabedoria ancestral cultivaram a convicção de que a criação inteira está interligada, o que merece nosso respeito e responsabilidade. A cultura da Amazônia, que integra os seres humanos com a natureza, se constitui como referente para construir um novo paradigma da ecologia integral. A Igreja deveria assumir em sua missão o cuidado da Casa Comum [FRANCISCO, 2019a, n. 56].

No pensamento neocolonial, não há nenhum entendimento de uma Casa Comum. As casas são privadas. Tudo é propriedade privada e cada um cuida do que é seu, e ninguém se preocupa com a casa de ninguém. Pensar a



Como recuperar o território amazônico, resgatá-lo da degradação neocolonialista e devolver-lhe seu bem-estar saudável e autêntico?



Casa Comum implica em mudar drasticamente o pensamento neocolonialista e passar a pensar e encarar coletivamente os problemas que afetam toda sociedade, como a questão ambiental, a fome, a miséria e o empobrecimento de sociedades inteiras. Pensar juntos e buscar saídas coletivas é o grande desafio. Mas, para isso, é preciso descolonizar o pensamento etnocêntrico. *Instrumentum Laboris* aprofunda o tema da família e seus desafios na Amazônia e afirma:

Na Amazônia a família foi vítima do colonialismo no passado e de um neocolonialismo no presente. A imposição de um modelo cultural ocidental inculcava um certo desprezo pelo povo e pelos costumes do território amazônico, e chegava-se a qualificá-los como “selvagens”, ou “primitivos”. Atualmente, a imposição de um modelo econômico ocidental extrativista volta a atingir as famílias, invadindo e destruindo suas terras, suas culturas e suas vidas, forçando-as a migrar para as cidades e suas periferias [FRANCISCO, 2019a, n. 76].

Nessa perspectiva, a ruptura com o pensamento neocolonial é fundamental para se repensar a Amazônia. Em muitas críticas que se tecem contra o Sínodo, seus arguidores continuam nos chamando de “selvagens”, ou “primitivos”, como o fizeram nossos colonizadores há mais de quinhentos anos atrás. A permanência destes vocábulos comprova que o pensamento neocolonial impede o avanço

das ideias e mantém seus seguidores atrasados no tempo e na história. No n. 103 o *Instrumentum Laboris* apresenta o colonialismo [domínio] relacionado com a

[...]mentalidade economicista-mercantilista, consumismo, utilitarismo, individualismo, tecnocracia, cultura do descarté. Uma mentalidade que se expressou historicamente em um sistema de domínio territorial, político, econômico e cultural que persiste de várias formas até os dias de hoje, perpetuando o *colonialismo*. Uma *economia* baseada exclusivamente no lucro como única finalidade, que exclui e atropela os mais fracos e a natureza, se constitui como ídolo que semeia destruição e morte. Uma mentalidade utilitarista concebe a natureza como mero recurso e os seres humanos como simples produtores-consumidores, violando o valor intrínseco e a relacionalidade das criaturas. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários, ofuscando a responsabilidade em relação ao próximo, à comunidade e à natureza. O desenvolvimento tecnológico trouxe grandes benefícios para a humanidade mas, ao mesmo tempo, sua absolutização levou-o a ser um instrumento de posse, domínio e manipulação [cf. LS, n.106] da natureza e do ser humano. Tudo isto gerou uma cultura global predominante, a qual o Papa Francisco chamou “paradigma tecnocrático” [LS, n. 106]. O resultado é



uma perda do horizonte transcendente e humanitário, onde se transmite a lógica do “usa e joga fora” [LS, n. 123], gerando uma cultura do descarte [LS, n. 22] que agride a criação [FRANCISCO, 2019a, n. 103].

Em muitas outras ocasiões, o *Instrumentum Laboris* apresenta o desafio da descolonização da Igreja e do pensamento hegemônico para se avançar na proposta do cuidado com a Casa Comum na perspectiva da Ecologia Integral como condição para se repensar os caminhos da “Igreja com rosto amazônico”. A grande maioria dos bispos da Pan-Amazônia têm levado isso muito a sério e vêm aprofundando a temática da descolonização em suas bases pastorais e elaborando propostas para se materializar a descolonização nas suas práticas e no pensamento teológico e eclesial.

Descolonizar o pensamento e as práticas é deixar-se *amazonizar*⁷ com outros valores e conhecer e experimentar outras possibilidades de convivência com a Amazônia, sem necessariamente destruir suas riquezas naturais, fonte de vida e esperança para seus povos e para toda humanidade.

De forma pedagógica, as diversas formas de reflexão e formação proporcionadas durante a

escuta sinodal contribuíram para se conhecer melhor a Amazônia, o modo de ser e de viver de seus povos, com seus recursos de uso coletivo, compartilhados num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente. Desta forma, o processo sinodal reconheceu a espiritualidade e a sabedoria dos povos dessa imensa região, de modo especial dos Povos Indígenas, e entrou num processo de aprendizado mútuo e contínuo de discernimento para uma conversão pastoral e ecológica, apresentada como grande horizonte no *Instrumentum Laboris*, o documento de Trabalho da Assembleia Sinodal que levou a Roma os clamores e a presença viva destes povos em marcha de libertação, tendo em vista os novos caminhos para uma Igreja com rosto amazônico [OLIVEIRA, 2019, p. 10].

A descolonização das metodologias e práticas pastorais na sinodalidade

Reunidos na modalidade rodas de conversa ou círculos populares, os diversos grupos em suas comunidades, pastorais, paróquias ou dioceses, tiveram espaço para conversar, rezar e celebrar suas lutas e identidades culturais. Esta dinâmica contribuiu para reconhecer as lutas e resistências dos Povos da Amazônia que enfrentam mais de 500 anos de opressão e colonização com projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição da floresta e dos recursos naturais.

No itinerário da sinodalidade, o *Sínodo Especial para a Amazônia* foi uma resposta do

7 Amazonizar foi uma expressão ou neologismo recuperada nas escutas sinodais e passou a ser utilizada para explicar a mudança de paradigmas com relação à Amazônia. Amazoniza-te foi tema de uma intensa campanha da REPAM no processo pós-sinodal que mobilizou muitos setores da sociedade em favor da Amazônia e de seus povos. Disponível em: <https://repam.org.br/tag/amazoniza-te/>



Papa Francisco às demandas das conferências episcopais dos países Pan-Amazônicos: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e Guiana Francesa. Os bispos destes nove países formaram o Conselho Sinodal, que contou ainda com a presença de outros cardeais convidados pelo Papa Francisco para contribuírem com o debate e com especialistas em temas relacionados às questões centrais do Sínodo. Quem presidiu todo o processo sinodal até a Assembleia foi o Papa Francisco utilizando-se de uma metodologia que é eminentemente participativa baseada na Colegialidade. Nesta perspectiva, Ulloa e Lopes [2019, p. 207] salientam:

A proposta de Francisco amplia a compreensão do Sínodo como participação característica do colégio episcopal na solicitude pastoral universal e empenho missionário [CD, n. 5; AG, n. 29]. Sem desconfigurar a instituição canônico-pastoral do Sínodo dos Bispos, o Papa, com o uso do termo sinodalidade, propõe uma atitude a ser assumida por todo o corpo eclesial, ou seja, uma disposição permanente de sinergia, do esforço de caminhar juntos.

Orientadas pela metodologia da sinodalidade, todas as dioceses dos nove países da Pan-Amazônia realizaram inúmeras atividades em preparação às Assembleias Territoriais que recolheram e sistematizaram, de forma transparente e participativa, inúmeros relatórios das mais diversificadas atividades que promoveram ampla participação de toda co-

munidade católica neste processo denominado pelo documento preparatório de escuta sinodal – “escuta do povo de Deus” – conforme prevê o n. 6 da Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*.

Por isso, embora na sua composição se configure como um organismo essencialmente episcopal, o Sínodo não vive separado do resto dos fiéis. Pelo contrário, é um instrumento adequado para dar voz a todo o Povo de Deus precisamente por meio dos bispos, constituídos por Deus “autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja”, mostrando-se de Assembleia em Assembleia uma expressão eloquente da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja [FRANCISCO, 2018, n. 6].

Praticamente todo o quinto capítulo do Documento Final da Assembleia Sinodal dedica-se ao aprofundamento do tema da sinodalidade numa perspectiva de itinerário metodológico e pastoral, que pressupõe instaurar nas igrejas particulares um estilo de vida inspirado na sinodalidade e na Ecologia Integral. Isso significa romper com estruturas rígidas e inaugurar outras metodologias pastorais mais leves e participativas, comprometidas com a revelação de Deus na caminhada do povo. Nessa perspectiva, a sinodalidade experimentada no processo sinodal implica em mudanças profundas na estrutura de toda Igreja, e não apenas na Amazônia. A este respeito, Ulloa e Lopes, assinalam:

A sinodalidade caracteriza-se, segundo



Atos dos Apóstolos, na convicção de que a presença do Ressuscitado é atualizada pelo Espírito Santo no caminho das comunidades desde Jerusalém até os confins do mundo (cf. At 1,8). É o Espírito que qualifica a vida de todos os batizados para, no exercício da corresponsabilidade e da participação, responderem juntos, fiéis e pastores, com coerência ao chamado do Senhor. Por isso, a experiência da sinodalidade será sempre um caminho aberto que exigirá da Igreja, em todos os tempos, a coragem de viver, na história, um testemunho maduro e dinâmico capaz de ser sinal de comunhão e unidade [ULLOA; LOPES, 2019, p. 218].

De acordo com as características observadas pelos referidos autores, o Sínodo Especial para a Amazônia exercitou a sinodalidade em todo o seu processo preparatório e, de modo especial, durante a Assembleia Sinodal. Ao mesmo tempo, o processo sinodal apresentou elementos concretos de uma Igreja em saída, propostos em Medellín e Puebla. A este respeito, Sbardelotti afirma:

A Teologia Latino-Americana e Caribenha é construída com e por várias mãos, com e por vários rostos; bebendo do poço da Bíblia a partir de uma leitura popular, por um lado, e de uma pesquisa acadêmica abundante e perseguida por outro; bebendo do poço do Concílio Ecumênico Vaticano II, do Pacto das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, dos Mártires da

Caminhada, da atualização do Vaticano II pela Conferência de Medellín e pela Opção pelos Pobres na Conferência de Puebla. Em sintonia com a Igreja em Saída sugerida e querida pelo Papa Francisco, sementes estão sendo lançadas neste chão adubado com o sangue de mulheres e homens, que, no seguimento a Jesus de Nazaré, assumem, sem medo, todos os riscos e consequências, são testemunhas fiéis do que pede o Evangelho, são herdeiros de uma pedagogia e de uma prática libertadora [SBARDELOTTI, 2019, p. 7].

Fiel ao itinerário da sinodalidade, a 'Igreja Servidora e Pobre' caracterizada no quinto capítulo do Documento Final da Assembleia Sinodal, caminha com os pobres e vai assumindo na Amazônia o compromisso com as causas indígenas e camponesas, com os pobres das periferias das grandes cidades que concentram cerca de 83% da população, com os migrantes expulsos de seus países e territórios, com as mulheres. A metodologia participativa foi caracterizada pelo debate em torno da busca coletiva dos 'novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral', tema central do Sínodo [OLIVEIRA, 2019, p. 13].

Os itinerários da sinodalidade retomam as orientações de uma ecoteologia encarnada na vida e na história do povo da Amazônia e materializa a experiência da sinodalidade com bases e fundamentos nas Sagradas Escrituras, nas quais "a sinodalidade é expressa por meio de uma construção literário-teológica, que reflete e estimula uma práxis, um modo de ser e



agir. A experiência bíblica, portanto, chama o leitor, individual e coletivamente, a uma inserção progressiva e permanente no caminho, ao longo do qual Deus se revela [ULLOA; LOPES, 2019, p. 207].

A ecoteologia representa parte da materialização da proposta do Papa Francisco na Ecologia Integral apresentada para toda Igreja na Encíclica *Laudato Si'* publicada em 2015. A Ecologia Integral foi o tema transversal do Sínodo da Amazônia, do Documento Final e da Encíclica *Querida Amazônia*. Os “novos caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral” [FRANCISCO, 2019b] desafiaram e continuam desafiando o povo de Deus na Amazônia a apresentar para toda a Igreja universal um novo rosto que se configura nos rostos diversos dos Povos Indígenas, das mulheres, dos migrantes, dos jovens, dos pobres e excluídos na Amazônia.

A ecologia integral e a Teologia da Libertação possuem algo em comum: ambas partem de um grito. A ecologia do grito da Terra, dos seres vivos, dos ecossistemas agredidos pelo tipo de crescimento material ilimitado que não respeita os recursos limitados da Terra [BOFF, 2019, p. 1].

Na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* o Papa Francisco reconhece e confirma que o Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para toda Igreja. Tempo do escutar, refletir e agir, pois “a Amazônia arde em chamas e já não pode mais esperar”, afirma o documento. *Querida Amazônia* apresenta um diagnóstico preciso e completo dessa imensa região considerada uma das mais complexas,

diversificadas e desafiadoras regiões do mundo, ameaçada pela cobiça e ganância de interesses internos e internacionais. Uma região com seus recursos hídricos, florestais e do subsolo, em permanente exploração desde a colonização, o que culmina com a destruição de povos, culturas e saberes ancestrais.

Didática e pedagogicamente organizada em quatro grandes eixos, **Querida Amazônia debate e propõe quatro sonhos na vida de toda Igreja:**

- “Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida”.

- “Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana”.

- “Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas”.

- “Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos” [FRANCISCO, 2020, n. 7].

Estes quatro sonhos desafiam a um permanente exercício da sinodalidade, que é a dimensão de comunhão participativa de toda a Igreja, atenta e disposta a escutar a realidade, discernir os possíveis caminhos a serem trilhados e promover ações que venham ao encontro com as necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta.



Hoje mais do que nunca precisamos cultivar o paradigma do cuidado, pois tudo, de certa forma, está descuidado. É o cuidado que dá origem a uma cultura da solidariedade contra a competição, da partilha contra o individualismo, da auto-limitação, contra os excessos do poder, do consumo sóbrio, contra o consumismo. Somente a incorporação do cuidado, como paradigma e como cultura, nos pode, segundo a encíclica papal 'Sobre o cuidado da Casa Comum', "alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo... uma mística que nos anima, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária" (n. 216). Para realizar esta diligência a Ecoteologia da Libertação teve que dialogar e aprender com os novos saberes das ciências da Terra e da vida. Especialmente é chamada a contribuir com os valores do respeito, da veneração e do cuidado, próprios da fé, valores fundamentais para uma ecologia integral. Finalmente uma Ecoteologia da Libertação testemunha, contra todas as ameaças, a esperança de que "Deus, o soberano amante da vida" [Sb 11,26] não permitirá que nossa humanidade, um dia assumida pelo Verbo da vida, venha desaparecer da face da Terra [BOFF, 2019, p. 1].

O cuidado da Casa Comum e de toda a vida que ela encerra é o centro da ecoteologia da libertação na perspectiva dos sonhos do Papa Francisco e engendra elementos profundos de transformação do modo de vida de

todas as sociedades.

A inspiração que vem dos Povos Indígenas

Para as lideranças indígenas que participaram do processo sinodal o fato de retomarem o lugar de fala proposto pelo Papa Francisco "veio confirmar a nossa participação nas comunidades e respeitar nossa maneira de ser igreja na Amazônia com nossa espiritualidade de respeito para com a criação, para com os ancestrais, para com as crianças", fala orgulhosa a senhora Madalena, catequista do Povo Indígena Macuxi da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima.

Para muitas lideranças indígenas, uma das maiores vitórias do processo sinodal foi o reconhecimento dos Povos Indígenas que vivem nas cidades da Amazônia. Foi o que constatou Marcivana Sateré-Mawé, a jovem líder indígena que participou da Assembleia Sinodal na qualidade de Auditora. Marcivana reconhece a importância da participação na Assembleia Sinodal para todos os Povos Indígenas que ela representa, mas, de modo especial para a mulheres que atuam como lideranças na linha de frente do movimento indígena, nas organizações locais, regionais e internacionais, e destaca o protagonismo de mulheres como

Sônia Guajajara, liderança da APIB [Articulação dos Povos Indígenas do Brasil], que é mãe, Nara Baré, que está na coordenação da COIAB [Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia



Brasileira], eu que estou à frente atualmente da COPIME [Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno], tantas outras lideranças mães que estão à frente das nossas organizações locais, mães que se juntam para fortalecer uma luta⁸.

A professora Enestina, do Povo Macuxi, também esteve em Roma durante a Assembleia Sinodal para representar o seu povo nas atividades da Tenda da Casa Comum⁹ e destaca a importância do Sínodo para os Povos Indígenas que “se sentiram acolhidos e respeitados pelo Papa Francisco e por toda a Igreja que historicamente os ignorou”. Ao mesmo tempo, a professora recorda que “muita gente veio de longe, da Alemanha, da Suíça, da Bélgica, da França e de tantos outros lugares, para nos perguntar como é nossa vida nas nossas comunidades. Eu fiquei muito feliz de saber que tem muita gente, especialmente os jovens que querem conhecer nosso modo de viver nas

nossas comunidades”. A professora e catequista lamenta “que ainda tem tanta gente que não reconhece o nosso valor. Mas, o Sínodo reconheceu o nosso valor”¹⁰.

Elves Ramires, do Povo Warao, um dos milhares de indígenas venezuelanos em deslocamento residindo na periferia de Boa Vista, recorda que “durante a preparação para o Sínodo nós participamos de muitas atividades na comunidade e foi bonito como nos deixaram falar. As pessoas da comunidade pareciam curiosas para saber da nossa vida. Pela primeira vez me senti acolhido e respeitado como indígena e como cristão em Boa Vista”. O jovem recorda que a maioria dos warao são católicos e que acreditam que “o Sínodo veio trazer esperança para os povos indígenas da toda a América Latina”. Desta forma, reconhece a abrangência do Sínodo da Amazônia.

Estas e muitas outras narrativas revelam que os Povos Indígenas realmente assumiram o lugar de fala no processo sinodal e que a Igreja passou a ter maior atenção e escuta a estes povos silenciados desde a colonização. Escutar os Povos Indígenas é um passo indispensável num processo importante de descolonização das práticas e discursos pastorais ainda muito marcados pelo neocolonialismo. De modo especial, os Povos Indígenas abriram caminhos importantes para compartilhar suas diversas experiências de espiritualidade, de

8 Ser mãe no mundo indígena. Entrevista concedida ao Padre Modino e a Silvonei José – Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2021-05/ser-mae-no-mundo-indigena.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

9 Espaço inspirado na experiência da Tenda dos Mártires organizada na Conferência de Aparecida (2007). Em Roma, a ‘Tenda Casa Comum’ teve lugar nas imediações da Igreja de Santa Maria em Traspontina (Via della Conciliazione, próximo à Praça São Pedro), em salas colocadas à disposição pelos Padres Carmelitas responsáveis pela paróquia romana. A Tenda não foi um espaço alternativo, mas esteve conectado ao Sínodo, que se realizou de 6 a 27 de outubro, para ajudar os padres sinodais a se manterem em sintonia com a realidade do território amazônico e com toda a reflexão sobre a missão na região. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-06/tenda-casa-comum-apresentada-jaime-patias-consolata.html>.

10 Fala da professora Enestina Macuxi por ocasião da apresentação do Documento Final na diocese de Roraima, no início de dezembro de 2019.



organização social e política, de vida comunitária baseada na simplicidade e na partilha.

Por fim, a sinodalidade experimentada pelos Povos Indígenas abre novos horizontes de compromisso e comprometimento de toda Igreja com a causa indígena. Desde a colonização os Povos Indígenas seguem tão ameaçados, mas, ao mesmo tempo, representam um testemunho de luta e resistência que faz recordar a vida dos primeiros cristãos e dos mártires.

Escutar os Povos Indígenas, conhecer seu modo de vida e reconhecer seu lugar na Igreja representa um convite à conversão ampla e profunda que questiona os padrões culturais, econômicos e sociais, o modo de vida capitalista que vem tomando conta de toda a sociedade com suas formas de produção e consumismo exacerbado, de acumulação do lucro e das riquezas, de obsolescência, de desperdício e da produção descontrolada do lixo material e humano [BAUMAN, 2017].

Num caminho sem volta, o Sínodo Especial para a Amazônia apresentou os Povos Indígenas para toda a Igreja, que se sentiu profundamente interpelada a conhecer seus sofrimentos históricos, a reconhecer sua diversidade cultural e sua espiritualidade como grandes valores a serem compartilhados com toda a Igreja. Ao mesmo tempo, na perspectiva da sinodalidade, a Igreja reconhece e abraça a luta dos Povos Indígenas em defesa da Amazônia e os respeita como verdadeiros “guardiões da floresta”.

Considerações finais

Como Igreja, ainda temos muito que apren-

der e reaprender com os Povos Indígenas nos itinerários da sinodalidade. Entretanto, o Sínodo para a Amazônia foi um passo importante que nos preparou para seguir em passos firmes no sentido de reconhecer e conferir aos agentes pastorais e catequistas, nas mais diversas realidades indígenas, os ministérios que lhes permitam acesso à Eucaristia como um direito, a condução das celebrações, o governo e a coordenação de suas comunidades.

Deveras, o Sínodo Especial para a Amazônia representa um modelo de descolonização em diversos aspectos. Desde o calar-se para ouvir todos os clamores da Amazônia até a participação ativa e efetiva das mulheres, dos leigos e leigas e dos Povos Indígenas na Assembleia Sinodal, o Sínodo se converteu em uma inspiração para toda a Igreja e um itinerário da ecoteologia da libertação de todos os pobres da terra orientados pelos saberes dos Povos Indígenas.

Conclui-se que o processo sinodal não foi apenas um evento eclesial. Representa mais uma etapa importante da história da Igreja na Amazônia e indica que os desafios estão por vir no processo pós-sinodal que implica na aplicação dos resultados das reflexões ecoteológicas e pastorais. Esta nova etapa promete mudanças importantes não somente para a Igreja da Amazônia, mas para a Igreja como um todo. Por fim, o Sínodo reforça a importância da Amazônia para o mundo e, ao mesmo tempo, desperta a sociedade para atuar em sua defesa e assumir as causas de seus povos que a vivenciam na perspectiva da Casa Comum.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BOFF, Leonardo. Ecologia e Teologia da Libertação. São Leopoldo: *Revista IHU online*, dezembro de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594964-ecologia-e-teologia-da-libertacao>.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*. Documentos Pontifícios 36. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Instrumentum Laboris* – Documento de Trabalho do Sínodo Especial para a Amazônia. Brasília: Edições CNBB, 2019a.

FRANCISCO. *Documento Final da Assembleia Sinodal*. Brasília: Edições CNBB, 2019b.

FRANCISCO. *Querida Amazônia* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Documentos Pontifícios, 43. Brasília: Edições CNBB, 2020.

OLIVEIRA, Márcia M. Desafios e perspectivas do processo de preparação do Sínodo Especial para Amazônia. São Paulo: *Revista de Cultura Teológica*, Ano XXVII, n. 94, jul/dez 2019, p. 8-20.

SBARDELOTTI, Emerson. De Medellín a Puebla: uma

Igreja em Saída. *Reveleto* – *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. São Paulo, v. 13, n. 24, jul/dez 2019, p. 7-21.

SÍNTESE REPAM. AA.VV. *Síntesis general de la red eclesial Panamazónica* – REPAM – Asambleas Territoriales, Foros Temáticos, Contribuciones.

ULLOA, Boris A. N.; LOPES, Jean R. Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano XXVII, n. 94, jul/dez 2019, p. 206-220.

Amazonizando a ecologia



Foto: Valter Calheiros

Ima Célia Guimarães Vieira¹

Para aproximar-se do tema central deste texto de como amazonizar a ecologia, é relevante contextualizar os aspectos históricos e as diferentes abordagens em ecologia. Sem entrar em considerações científicas muito detalhadas, pode-se dizer que a ecologia como ciência se desenvolveu a partir da história natural no início do século XIX, e em 1866, o biólogo alemão Ernst Haeckel introduziu e deu fundamento ao termo ecologia [*eko+logos*]. Assim, a ecologia como campo de estudo sob a perspectiva biológica, teve grande crescimento e expansão, e veio a abranger todos os tipos de organismos e vários ecossistemas, do local ao global, passando de ciência descritiva para experimental e teórico-aplicada.

¹ Doutora em Ecologia, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi e perita do Sínodo para a Amazônia.

No Brasil, até a Independência em 1822, as atividades científicas descreviam a natureza, a fauna, a flora, os minerais e o homem que habitava o Novo Mundo. Na Amazônia, muitos naturalistas embrenharam-se na Floresta Amazônica a fim de coletar e pesquisar a vida dos ribeirinhos e indígenas e a riqueza da fauna e flora. No século XIX, com a Revolução Industrial e a ampliação das fronteiras do capitalismo, o Brasil passa a ser considerado como grande fornecedor de insumos para as fábricas da Europa [HOBSBAWM, 2002], e neste contexto, a Floresta Amazônica emerge como fonte inesgotável de matérias-primas e novos produtos.

Ao longo do século XX, a ecologia foi além dos limites da biologia e passou a transitar em vários outros campos. Ao se aproximar do campo das ciências sociais, desenvolve-se a Ecologia Humana, como um ramo que estuda as relações e as interações entre os seres humanos e o seu ambiente natural ou urbano e contribui com as bases teóricas do desenvolvimento sustentável atual. A sequência histórica



dessas abordagens fez surgir a Ecologia Profunda, que aponta para reflexões de ordem política, filosófica e espiritual, e a Ecologia Política, com abordagem dos conflitos socioambientais travados em torno dos problemas do uso e da apropriação dos recursos naturais e da gestão dos bens coletivos de uso comum.

O padrão sociogeográfico da Amazônia até meados do século XIX se organizava por meio dos rios, mas a partir de 1960 se estrutura um padrão de ocupação por meio de estradas, que inaugura a fase atual de violência e devastação da Amazônia [PORTO-GONÇALVES, 2015]. Com o processo de ocupação pelas estradas, os problemas ambientais amazônicos revelaram-se complexos e diversificados e exigiram novos olhares sobre a região para o entendimento dos impactos dos grandes projetos sobre os territórios e populações, a perda de biodiversidade, a degradação de corpos d'água e, mais recentemente, as mudanças climáticas.

Em uma região tão diversa e objeto de inúmeros interesses transnacionais, as populações tradicionais de extrativistas e de produtores familiares tiveram dificuldade de manter seus territórios e ter acesso à terra, às matas e aos rios, dos quais depende sua sobrevivência, ou são forçadas a conviver com a degradação

ambiental e social produzida por empreendimentos madeireiros, agropecuários e minerais. Essa situação levou a articulações entre os movimentos sociais e o movimento ambientalista, na década de 1980, em torno do socioambientalismo [SANTILLI, 2003], o qual se fundamenta na concepção de um novo paradigma de desenvolvimento que reconhece a diversidade cultural e os direitos culturais e territoriais espe-

ciais das populações tradicionais e promove a sustentabilidade ambiental e social, com repartição justa e equitativa dos benefícios derivados da exploração dos recursos naturais.

Adota-se no âmbito da Ecologia Humana, os enfoques sobre populações indígenas e caboclas, incluindo a ecologia cultural, etnobiologia e modelos de subsistência [ADAMS, 2000], além de outros estudos com colonos, populações afrodescendentes, pescadores e migrantes [MORAN, 1990], e questões ecológicas em um contexto mais social, com enfoque ambiental e conservacionista sobre os povos da Floresta Amazônica.

O debate em torno da questão socioambiental tornou-se, então, pauta na agenda ecológica amazônica. Nessa perspectiva, a participação de atores sociais, a construção de sujeitos coletivos, e a negociação entre interesses individuais e coletivos em torno da apropriação dos bens



Amazonizar a ecologia é garantir os territórios amazônicos para os povos indígenas e populações tradicionais, de forma a proporcionar a sua integridade física e bem-estar.



naturais passou a ser o mote da gestão ambiental na região [MUNIZ, 2010]. De outra forma, a “identidade genérica” de povos e comunidades tradicionais propiciou que as populações locais visibilizassem politicamente suas singularidades e demarcassem suas paisagens, relações afetivas, memória coletiva, bens naturais disponíveis, formas de manejo e sistemas de uso comum [SILVA, 2019].

A compreensão de outros mundos, sistemas de vida e saberes estranhos à racionalidade do “cuidado” ou da “conservação biológica” foi fundamental, então, para dar novo sentido à ecologia e amazonizá-la, no sentido de ter a Amazônia como tema indispensável por quem está preocupado com o futuro da região e do planeta [HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005]. Mas como amazonizar a ecologia no século XXI em um mundo marcado por dinâmicas econômicas competitivas e globalizadas e por um sistema financeiro cada vez mais insustentável na vida das pessoas e do meio ambiente?

Em uma perspectiva holística, no entrelace das ecologias ambiental, social e mental, Guattari [2012] propõe que se criem novos modos de vida, novas maneiras de se relacionar com o ambiente, com os outros sujeitos e consigo mesmo para o enfrentamento da crise planetária, que inclui também a miséria, a fome, as intolerâncias, as psicopatologias e várias outras tensões sociais e comportamentais que degeneram corpos e subjetividades por todos os cantos.

Sem dúvida, todas essas abordagens são fundamentais para amazonizar a ecologia. Porém, toma-se como primordial, a abordagem

de Ecologia Integral, proposta pelo Papa Francisco em 2015 na Carta Encíclica *Laudato Si'* [FRANCISCO, 2015], ao apelar pela substituição do estilo de vida consumista por um mundo sustentável; o Sínodo para a Amazônia, ao propor que “a única forma possível para salvar a região do extrativismo predatório, do derramamento de sangue inocente e da criminalização dos defensores da Amazônia é a Ecologia Integral” [FRANCISCO, 2019] e a Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, com os sonhos do Papa Francisco para uma ecologia integral, que acolhe os sonhos socioambientais seculares dos povos amazônicos.

Essa tríade da ecologia integral coloca a Igreja Católica no campo ecológico de alcance internacional, para ajudar a gerar uma conscientização da sociedade em prol da conservação do meio ambiente e em defesa da vida, das culturas, espiritualidades e direitos.

Amazonizar a ecologia é garantir os territórios amazônicos para os povos indígenas e populações tradicionais, de forma a proporcionar a sua integridade física e bem-estar.

Amazonizar a ecologia é defender um projeto de desenvolvimento que garanta os direitos territoriais e culturais dos povos da Amazônia e que lhes proporcione justiça e dignidade, ao mesmo tempo em que mantenha os seus regimes de uso do território praticados historicamente.

Amazonizar a ecologia é percorrer caminhos novos e encontrar novas formas de desenvolver a região, com justiça social, paz e sustentabilidade.

Amazonizar a ecologia significa dedicar-se



a estudos e ações voltados à Amazônia, escutando os povos amazônicos e, assim, ajudá-los de maneira mais qualificada a resistir e re [existir] a grandes projetos extrativistas predatórios.

Amazonizar a ecologia é indicar a necessidade do respeito e cuidado com a Amazônia, orientar as pessoas a aprenderem as várias possibilidades de vivências coletivas e fraternas.

Amazonizar a ecologia é partilhar dos sonhos do Papa Francisco, e acolhê-los como meta e lição, para se tornarem realidade no território da Amazônia e em todo o planeta.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, 43(1):145-82, 2000.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO. *Documento Final da Assembleia Sínodal*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21. ed. Campinas,

SP: Papyrus, 2012.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 237-255, Apr. 2005.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MORÁN, Emilio F. *A Ecologia Humana das populações da Amazônia*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1990.

MUNIZ, Lenir M. Ecologia Política: o campo de estudo dos conflitos sócio-ambientais. *Revista Pós Ciências Sociais*. v. 6 n. 12, São Luis, MA, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: Uma contribuição para a ecologia política da região. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 107 [on-line]. 2015.

SANTILLI, Juliana. Biodiversidade e as comunidades tradicionais. In: LIMA A.; BENSUSAN, N. [Eds.]. *Quem cala consente?* Subsídios para a proteção aos conhecimentos tradicionais. São Paulo: ISA/UnB, 2003.p. 89-94.

SILVA, Ana T. R. da. Áreas protegidas, populações tradicionais da Amazônia e novos arranjos conservacionistas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 34(99), 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/349905/2019>

Amazonizar a ecoteologia na perspectiva da espiritualidade ecológica



Foto: Laszlo Mates / Shutterstock.com

Ricardo Gonçalves Castro¹

Introdução

O que significa falar de uma espiritualidade própria para a Amazônia na perspectiva do *amazonizar*?

¹ Doutor em Teologia (PUC/RJ); Diretor do Instituto de Teologia e Estudos Pastorais – ITEPES do Regional Norte I da CNBB. Professor da Faculdade Salesiana Dom Bosco. Sacerdote da arquidiocese de Manaus.

Nossa busca ocorre dentro de um contexto histórico que exige uma retrospectiva não somente para compreender o tempo em que estamos, mas também para nos imbuirmos de um “espírito” para os desafios do tempo presente e do futuro que pairam sobre essa realidade.

Espiritualidade Amazônica é contextual. É um retorno ao próprio poço ou aos poços (cacimbas) de nossas culturas para daí, no diálogo com os elementos espirituais dos povos da Amazônia, saber como discernir, ser, viver e celebrar a fé neste chão. Este é um percurso longo que exige paradas obrigatórias, disciplina e um sen-



so de liberdade. Se nossa busca se norteia pelo contextual, nada mais importante que retomar a questão sobre fé e cultura, sobre espiritualidade e religião. Distinções próprias para nossa discussão, mas nem sempre possíveis de distinguir na realidade da vida de nossos povos.

Uma primeira afirmação importante é que no contexto amazônico somos chamados a elaborar e viver uma Espiritualidade da Criação. Na espiritualidade, centrada na criação, o mundo criado é sacramental. É o lugar em que Deus revela sua divindade. A revelação se dá na vida diária, nas vivências cotidianas, no encontro e no diálogo de pessoas na vida da comunidade. A vida é vivida com espírito e imaginação analógica, que vê uma continuidade entre a existência humana e a realidade divina. Deus está presente na natureza e suas pegadas são visíveis na nossa história.

Espiritualidade Amazônica é vida no Espírito em nossa corporeidade. Centra-se na experiência do Espírito na Criação. Tudo o que é, existe, vive graças ao constante fluxo de energias e possibilidades do Espírito Cósmico. Por isso, toda realidade criada tem de ser compreendida de forma energética e entendida como possibilidade realizada do Espírito divino. Por meio das energias e possibilidades do Espírito, o próprio criador está presente na sua criação. Ele não está somente contraposto a ela de uma forma transcendente, mas entra nela e nela está de forma imanente.

Numa espiritualidade integradora da criação, somos chamados a passar de uma fé cristã apenas interior e subjetiva para uma fé engajada não só social, mas também ecologi-

camente. Amazonizar, neste sentido, significa levar em consideração os resultados de uma nova imagem da natureza e do universo desde as diversas ciências – a física, a biologia, a cosmologia, a psicanálise.

No itinerário do *amazonizar* o caminho do encontro com Deus inclui toda a criação: o mundo mineral, o mundo vivo e o mundo dos humanos. O mundo todo é graça, é sinal da gratuidade, da fidelidade e da ternura de Deus. Todas as coisas, amáveis e gostosas por si mesmas, são caminhos para a contemplação de Deus. São um dom de Deus que tem como horizonte último não a finalidade econômica, mas a gratuidade do doador. Atrás da gratuidade das coisas existe a gratuidade de quem oferece. Essa é a dimensão da fé. É também o caminho da espiritualidade: saber descobrir a substância espiritual de toda a criação. É ler a Palavra de Deus a partir da chave da criação. Criação compreendida de forma interdisciplinar, valorizando nos textos os contextos históricos e a língua em que o texto foi escrito para o bem interpretar a sua intenção e o seu sentido.

Na construção de uma espiritualidade da criação, queremos *amazonizar*, compreender e viver a criação em sua inteireza, com uma metodologia integradora, mais na forma de relação do que distinção: integrando à criação as realidades “visíveis e invisíveis”, como professa o Credo. *Amazonizar* a espiritualidade, neste sentido, significa, por exemplo, considerar a unidade entre cérebro e espírito, sem reducionismo de um ao outro, de tal forma que as emoções ou o conhecimento não decorram simplesmente do cérebro como base do



que nós chamamos de espírito, nem do espírito humano independente do cérebro, mas do “casamento” e da unidade de ambos, como na aplicação da física quântica aos estudos da mente humana. Nesse sentido, uma boa compreensão não desliza nem para um “cerebrismo” físico nem para um “espiritualismo” a respeito da mente humana.

Amazonizar a espiritualidade da criação significa retorno à compreensão e vivência de que a natureza como criação é originariamente boa, mesmo em suas turbulências e mortes naturais; é compreender o que significa a afirmação de que toda a criação está ferida pelo mal e pelo pecado humano, aguardando com esperança a libertação de toda corrupção. A existência do mistério do mal deve ser encarnada em suas diferentes manifestações, desde o seu mistério jamais inteiramente compreensível e justificável, até as responsabilidades humanas diante dos males.

Na Espiritualidade da Criação compreendemos e vivemos a conexão comunicativa entre a natureza ambiental e o corpo humano, a relação de dom recíproco entre o espírito humano e seu ser-no-mundo como “naturalização do humano e humanização da natureza”, como afirmava Marx, mas não simplesmente na relação de trabalho. Antes, na forma sabática de repouso e gozo da criação na presença do Criador, e na atitude de Francisco de Assis. Ele compreende que mesmo o lobo, o fogo e a pedra, como o muçulmano, o Papa, o Rei e o bandido, eram realmente seus irmãos [SUSIN, 2003, p. 15-16].

Rios, florestas, terra e corporeidade

Antiquíssima e muito espalhada é a ideia da terra como mãe. A terra não produz apenas as plantas, mas também os animais e até o ser humano: não é no ventre da mãe que o feto é formado, mas no da terra, onde é transferido de modo misterioso para o ventre da mãe. O símbolo da mãe-mundo está na base da concepção do mundo como sendo a grande pessoa humana, e a pessoa humana como sendo um pequeno mundo: o mundo é um *macroantropos* – a pessoa humana é um *microcosmos*. Toda a vida humana vem da mãe e é nutrida por ela. Por isso também o mundo tem, no seu todo, a forma materna. Todos os seres vivos são nascidos da mãe e por ela alimentados. Ela é pessoa cósmica original.

Nesta perspectiva, *amazonizar* é reconhecer que a terra, *pachamama* para os ancestrais da Pan-Amazônia, é a mãe de todas as pessoas, dela elas provêm e a ela retornam para, a partir desse ventre materno, nascer para uma outra vida. O círculo vital do “morrer e renascer” desenvolve-se sobre a “mãe-terra” que recebe e faz nascer novamente. A relação entre pessoa e terra também está presente nas tradições bíblicas: Adão foi feito da terra”. Ele é a “criatura terrestre” original, anterior à diferenciação entre homem e mulher [Gn 2,7]. Mas aqui, a terra não é mais a “mãe do ser humano”, mas somente a matéria-prima para a obra do criador.

O monoteísmo patriarcal da religião javista desmantelou o panteísmo matriarcal da terra por meio de um conceito de criação masculino. A simbologia da “mãe-terra” foi quase integralmente transposta para a “mãe-igreja”: o ventre materno da Igreja, o qual exclusiva-



mente torna santo, faz a pessoa crente nascer para uma nova vida, e isso de forma virginal [MOLTMANN, 1993, p. 426-427].

Conforme as tradições bíblicas, corporeidade é o fim da obra da criação de Deus. A terra é o objeto e o palco do amor criativo do criador. Deus criou as pessoas físicas, corporais para serem sua imagem, e seu primeiro mandamento diz: “sede fecundos e multiplicai-vos” [Gn 1,28]. *Amazonizar* o corpo com os elementos da Amazônia evoca a corporeidade teológica. É no seu corpo que a pessoa se conscientiza de si mesma como sendo criatura e imagem de Deus. Corporeidade é seu objetivo. Todos os caminhos do seu espírito e todas as palavras da sua linguagem findam na forma viva de seu corpo. Corporeidade é também o fim da obra conciliadora de Deus: “a palavra se fez carne e habitou entre nós” [Jo 1,14]. Tornando-se carne, o Deus conciliador aceita a carne pecadora, doente e mortal da pessoa e a cura na sua comunhão. Em sua encarnação, os corpos explorados, doentes e destruídos experimentam sua salvação e sua dignidade indestrutível.

Corporeidade é também o fim da salvação do mundo para ser Reino da glória e da paz. A nova terra completa a salvação [Ap 21], e a nova corporeidade transfigurada é a realização da saudade do Espírito [Rm 8]. A salvação começa com a dádiva do Espírito e finaliza com a transfiguração do corpo. Ela começa com a nova justiça do coração e finda no mundo novo e justo. Ela começa na fé e termina na nova experiência física de Deus que é chamada de olhar.

Os habitantes da Amazônia vivem sob os

ciclos dos rios e igarapés. A enchente, literalmente no sentido de encher os lagos da região, é a fase mais prolongada indo de dezembro a abril. As cheias são mais curtas, entre maio e junho, período mais rico na produção de vida desta região. A vazante é um momento intermediário e a seca que é a etapa mais curta destes ciclos, é a mais preocupante para muitas formas de vida ameaçadas tanto pelas secas prolongadas quanto pela predação de pescadores e caçadores comerciais que adentram à região com maior facilidade. Todos esses aspectos exigem uma compreensão cada vez mais profunda e interdisciplinar da questão. Neste sentido, *amazonizar* significa compreender profundamente estes ciclos e sua dinâmica com os povos dessa imensa região.

Na Amazônia não há como não lembrar que somos água, rios. *Amazonizar* é se reconhecer como água e rios, é saber que nossa vida segue sob os ritmos das enchentes e vazantes, que parte de nossa alimentação típica brota dos rios com uma variedade imensa de peixes e frutos das várzeas. Nosso sentido de estética do belo está ligado às águas. Para nossos antepassados indígenas e negros, os deuses, as divindades moram no fundo das águas, como para refletir de modo analógico o mais profundo de nosso interior, as forças das águas inconscientes. Navegando sobre os rios, o modo mais típico de viagens na Amazônia, aprendemos a ser contemplativos(as). Olhar por horas a imensidão dos rios, das águas. Somos água em nossa composição bioquímica e principalmente em nossa elabo-



ração espiritual. Como princípio de maternidade, passamos nela nove meses mergulhados nas entranhas maternas para compreender fundamentalmente que água é vida. Somos banhados na fonte da vida eterna em nosso batismo para morrer e renascer em Cristo para a vida de filiação, dependentes agora do Deus Abbá-mãe-pai.

Amazonizar é compreender a dimensão hídrica de nossa vida, adquirir as sabedorias e fertilidade dos rios que no seu caminho rumo ao mar, nos aponta para a meta fundamental de nossa vida, o mar infinito do amor de Deus. *Amazonizar* nesta perspectiva, é aprender navegar, descobrir o caminho a seguir, aprender a paciência da pesca, aprender a contemplação que se renova em cada fluxo de água do grande rio. É banhar-se, purificar-se constantemente do calor cansativo da vida, da sujeira material e espiritual que se gruda em nós nas labutas e desmandos da vida.

Mitologia da criação, fonte da espiritualidade amazônica à luz do amazonizar

Há pelos menos duas formas, em nossa cultura ocidental, nos últimos 50 anos, de interpretar o mito. Uma advinda da herança cultural

da filosofia grega, em que o mito é sinônimo de *mistificação* e *falsidade*, e outra advinda de diversas tradições orientais e de culturas consideradas arcaicas, nas quais se incluem as indígenas, em que os mitos encerram *verdades*.

Em cada narrativa encontra-se um aspecto, um núcleo que encerra uma verdade estrutural, um arquétipo. Os mitos são de alguma forma o modo como projetamos nossa relação com

a natureza e compreendemos suas múltiplas funções: nascimento, vida, morte, ódio, amor, maternidade, paternidade, relacionamentos, saúde, doença, guerra e paz, enfim, tudo que é típico do ser humano em qualquer tempo e lugar.

Os conteúdos mantêm sua forma básica, o que varia é a roupagem que caracteriza cada época e lugar. Nesses termos a mitologia é universal, comunga entre si os

mesmos conteúdos. Mitos são forças arquetípicas naturais e espontâneas, que emergem em nós, sempre que se faz necessário. Se prestarmos atenção em nós mesmos, veremos que o mito não é algo do passado, encontra-se de forma viva e atuante nos sonhos, nas fantasias, imagem, visões, nas artes em geral. Nascem espontaneamente. Mitos são individuais e coletivos. O mito não se opõe ao científico, ao contrário, este seria sua própria mãe. O objetivo do mito assim como da ciência é a explica-



Amazonizar é compreender a dimensão hídrica de nossa vida, adquirir as sabedorias e fertilidade dos rios que no seu caminho rumo ao mar, nos aponta para a meta fundamental de nossa vida, o mar infinito do amor de Deus.



ção do micro e do macrocosmo, tornar os fenômenos da vida compreensíveis. Dar sentido e finalidade aos elementos do universo.

Nessa concepção, por meio de uma linguagem simbólica, o mito leva as pessoas a um centramento, a um eixo, a recuperar sua sacralidade, sua integralidade, ao conhecimento de verdades sobrenaturais e essenciais. É, pois, o mito, como as imagens simbólicas, uma linguagem da alma e, portanto, de um tempo não linear, não histórico, mas que corresponde a uma história primordial, anterior e além da história, e da criação no sentido cosmogônico. Essa parte não contemplada, e que está de alguma forma em todos nós amazonenses, pede realização.

Independente de sermos indígenas ou caboclos, em lugares recônditos de nossa alma está aquilo que somos, mesmo que negado. No contexto amazônico, os mitos possuem a força de dirigir as ações, moldar comportamentos, fundar os costumes e exigir respeito e atenção. Sua função está diretamente ligada ao cuidado com a natureza e a sobrevivência da diversidade das espécies que aqui vivem. Na fundação de uma cosmovisão, os mitos vão impregnar o cotidiano das pessoas com as crenças no sobrenatural, em seres animais ou semi-humanos que se colocam como protetores das matas. Só compreende esta dinâmica quem se deixa *amazonizar* na dimensão dos sentidos.

Há diversos prejuízos ao negar aquilo que somos. Dos povos indígenas perdemos a ligação com a natureza e a possibilidade de sacralizá-la e de conservar um dos bens maiores que temos – a terra; perdemos também seus

mitos e suas verdades. Dos africanos perdemos a energia exuberante, a vitalidade, a força de expansão, o orgulho da raça e sua riqueza mitológica; dos portugueses perdemos uma de suas melhores partes, o lirismo.

A mitologia amazônica é formada não somente por mitos, mas por lendas, contos, crenças, etc. A diferença entre lenda e mito é que a primeira se distancia pela função e confronto. A lenda é um episódio heróico ou sentimental com elementos maravilhosos ou sobre-humanos, transmitido e conservado na tradição oral popular localizável no espaço e no tempo [CASCUDO, 1980, p. 434]. As lendas não narram fatos fundantes ou originais como faz o mito. Lendas narram fatos do cotidiano da história quando os elementos do mundo já estavam constituídos.

Na grande maioria dos mitos amazônicos existe um fundo comum que trata do desequilíbrio das relações de poder e da necessidade de compensação. Como a natureza, tudo precisa conviver com seu oposto, em equilíbrio. Luz demais acarreta problemas e necessidade da noite e da sombra. O dia precisa da noite e vice-versa. A sombra ou a noite não contém somente o que é mau, o incontrolável e desconhecido, mas saindo do fundo do rio a noite pode conter elementos preciosos que compensam aquilo que está desequilibrado.

Os mitos querem trazer a irrupção de uma agressividade sadia. Precisamos resgatar a parte aguerrida de nossos ancestrais índios, que além de dividirem terras brasileiras com brancos e negros, moram também em nós, no fundo de nossa estrutura antropológica. O resgate mito-



lógico deve nos *amazonizar* e conduzir à luta pelos direitos em todos os âmbitos da realidade amazônica. *Amazonizar-se* pelos mitos é aprender e vivenciar a força, a vitalidade e a agressividade sadia das culturas indígenas e afro-brasileiras. A mitologia amazônica denuncia e recorre às nossas origens, se encontra com as necessidades históricas amazônicas e exige realização. A mitologia nos ilumina e nos revitaliza no equilíbrio nas relações de poder com a natureza e com nossos semelhantes.

Nas concepções indígenas, os mitos expressam a ideia fundamental de que o universo deve estar em equilíbrio, uma vez que essa é a razão da existência: conviver o universo em harmonia. As partes mais importantes da natureza são habitadas por seres sobrenaturais. Estes aspectos levam à luta pela sobrevivência, na conservação de suas culturas, no sustento e na resistência a todas as formas destruidoras que lhes são infligidas, desde o extermínio dos séculos passados, até a manipulação de seu saber e mesmo de suas vidas, operada pelas sociedades pós-modernas.

Os mitos ribeirinhos estão diretamente ligados a situações que envolvem a relação do ser humano com a natureza. O mito se funda sobre uma experiência concreta que transforma o agir, o modo de pensar e sua postura frente à vida. Os fatos relatados são verdades vividas pelos narradores [GALVÃO, 1955]. Entre os muitos seres das florestas e das águas, são registrados os curupiras, descritos à semelhança de caboclinhos que habitam a mata; os anhangás, “visagens”, na linguagem regional, que ora surgem sob a forma de um

pássaro, ora como veados de olhos de fogo, ou como simples aparição sem aspecto definido; a cobra grande, que aparece comumente como uma sucuriju de grande porte, mas que também pode aparecer sob a forma de um “navio encantado”; as matintas-pereira, outra “visagem” que se identifica por um pássaro negro, seu xerimbabo (bicho de estimação); os botos, que acreditam sejam encantados e possam se transformar em seres humanos. Embora tenham fama de sedutores de mulheres, os botos são particularmente temidos por seu poder maligno; os companheiros do fundo das águas, “encantados”, que habitam o fundo dos rios e igarapés; e as mães de bicho, entidades protetoras da vida animal e vegetal [GALVÃO, 1953].

Existem também as visagens. Em geral, estão associados a determinados lugares da natureza: rio, igarapé, ou um trecho da mata. A *malineza* resulta do fato de que as visagens dominam ou controlam uma área do ambiente natural, a mata e os rios. Essas entidades protegem os animais da floresta e das águas e também os seres humanos, sendo conhecidos pelas suas proezas e aparições.

Pressupostos para *amazonizar* uma espiritualidade ecológica inculturada

À guisa de conclusão, apresentamos alguns pressupostos que apontam caminhos de uma espiritualidade ecológica inculturada na Amazônia sob a perspectiva do *amazonizar*:



- ✓ resgatar elementos integradores das relações perdidas com a terra, como o 'eu', com os outros; da relação com o mundo natural;

- ✓ para os amazônidas Deus é miscigenado [indígena, ribeirinho, caboclo, negro]. Deus é pai e mãe, homem e mulher, masculino e feminino. A experiência de Deus engloba toda a vida e por isso a espiritualidade exige resgate da cultura e da alma amazônica;

- ✓ valorizar a identidade cultural [nossa maneira de ser] sabendo que os e as amazônidas são de poucas palavras, silenciosos, tímidos, difíceis de dizer não;

- ✓ entender que nossa estrutura antropológica segue o ritmo do rio, que o tempo não é *cronos*, é lunar [*kairos*], é cíclico e ecológico, assim como os rituais da vida;

- ✓ buscar de harmonia e integração com a natureza/terra/água e buscar harmonizar o ser com a natureza, corpo com a terra, com os ciclos da vida e com uma contemplação integrada na natureza, aberta, cotidiana;

- ✓ valorizar a festa, celebrar o sagrado da vida em lugares sagrados da natureza [celebrar ao ar livre, junto a rios, florestas, pedras, montanhas] com novas práticas litúrgicas, aproveitando elementos culturais com o resgate dos 'sábios' [pajés, xamãs, benzedeadas, avós, idosos, pais, mães e padrinhos e madrinhas];

- ✓ aprender a fazer e receber um 'benzimento', abençoar todos os aspectos da vida;

- ✓ valorizar a cozinha e a medicina tradicio-

nal, natural, holística;

- ✓ afirmar a própria identidade para dialogar com o 'outro' e afirmar a não violência como um modo de *amazonizar* para viver e resolver os conflitos na conversa dos terreiros, nos apadrinhamentos, na interdependência solidária

- ✓ não confundir a 'lezeira cabôca' como passividade, mas como forma de resistência e sabedoria ancestral;

- ✓ valorizar e viver no corpo, não acumular, viver do suficiente;

- ✓ entender a natureza como reino dos encantados, antropomorfizada;

- ✓ atravessar e navegar nos rios da Amazônia como paradigma de vida;

- ✓ fazer memória de nossos antepassados indígenas, mártires da fé com imersão na cosmologia, tradição espiritual da criação e libertação dos pobres;

- ✓ aprofundar o contexto espiritual e científico do qual se pode adquirir uma visão marcante da Amazônia com princípios da espiritualidade da criação e da libertação;

- ✓ cultivar a arte de meditar, de dançar, de tecer, de fazer comida;

- ✓ recuperar a dimensão do sagrado na natureza e a religiosidade popular da libertação [indígena, cabocla e negra];

- ✓ experimentar outros ritos além do ritual Romano.

Concluimos que todos estes elementos



apontam para o itinerário *amazonizar* que define um jeito de ser na Amazônia na perspectiva da espiritualidade ecológica.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luis da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

GALVÃO, Eduardo. *A vida religiosa do caboclo da Amazônia*. *Boletim do Museu Nacional*, Nova série, An-

tropologia, n. 15, 1953.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Nacional, 1955 [Coleção Brasileira].

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. Tradução: Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SUSIN, Luiz C. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas Editora, 2003.

A Pedagogia da Escuta: entre azeites e saberes do pracaxi na Amazônia profunda



Foto: Cedida por Benedito de Queiroz Alcântara

Benedito de Queiroz Alcântara¹

Meus pais nasceram no Marajó, eu nasci em Macapá. Estamos na foz do Rio

¹ Mestre em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá, com pesquisa em Desenvolvimento Rural. Graduado em Direito pela Universidade Federal do Amapá e em Licenciatura em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque.

Amazonas. Cresci ouvindo a minha mãe, Maria, falando de óleos e azeites, banhas e unguentos, chás e garrafadas. Para cada emergência, geralmente pela noite, a mamãe utilizava a medicina da floresta. O que nunca podia faltar em casa era azeite de andiroba, copaíba e pracaxi.

Quando ficávamos surdos e sem escutar mais nada, além de um zumbido endoidecido na cabeça, muitas vezes até com febre, lá vinha a mamãe com o óleo de pracaxi! Dormíamos



e um novo dia surgia, em que acordávamos escutando tudo e todos ao redor!

Cresci, fui morar fora de minha terra, voltei. E tive o privilégio de estar convivendo com as comunidades ribeirinhas das ilhas entre o Pará e o Amapá. As histórias de minha infância foram sendo recontadas, revividas, confirmadas! Principalmente em torno do pracaxi.

Mas como relacionar tudo o que estou escrevendo com a ecoteologia, em busca de novos caminhos e novas posturas na caminhada da Igreja aqui na Amazônia? Sei lá, sou apenas um leigo de periferia, caboclo ribeirinho, que vou recolhendo e misturando o que falam nas exposições e o que escuto e vejo nas comunidades.

O discípulo missionário do nazareno em terras amazônicas tem que ter a atitude da amêndoa do pracaxi, que cai na água e vai repousar no fundo do rio, repousando silenciosamente por sete dias, deixando-se empapar pelo lodo do leito primordial, até que é impedida a emergir e boiar na superfície das águas, quando então é recolhida calmamente pelas mãos ribeirinhas, secada ao sol, descascada, ajuntada em porções e ser esmagada pouco a pouco, para finalmente doar o seu óleo curativo e restaurador!

A pedagogia do pracaxi oferece esses passos: deixar-se cair nas águas, mergulhar nas profundezas, repousar, empapar-se, emergir-boiar, ser colhida, secar ao sol, abandonar a casca, formar coletivo, e, ato crucial, oferecer a sua melhor essência em processo de esmagamento!

O ato de massagear, esfregar o óleo de pracaxi é ato final! Já é o bem viver, a bonança inebriando a existência, o bálsamo da vida

que ressurge. Queremos chegar aqui, mas os passos anteriores precisam ser pedagogicamente percorridos.

A caminhada eclesial amazônica urge se esfregar solenemente com o óleo de pracaxi, limpando todo o zumbido que nos deixa surdos, para apurar a escuta do pulsar de Deus na criação, com seu ritmo, seu movimento, suas inquietações.

Invocar o sopro divino, que sabe a temporada certa de irradiar nos discípulos missionários os seus dons, que nos pede a zelosa paciência, a sincera proximidade, a humilde aprendizagem. Abandonando pouco a pouco a “oratória” e exercitando cada vez mais a “escutatória”.

Discernir e sintonizar o tempo de Deus, acolhendo e aprendendo com o tempo do pracaxi!



Foto: Cedida por Benedito de Queiroz Alcântara

Para novos caminhos, novas posturas: à escuta!



Foto: Riccardo De Luca - Updates / Shutterstock.com

Toda manhã ele faz meus ouvidos ficar atentos para que eu possa ouvir como discípulo. [Is 50,4]

Pe. Dario Bossi¹

Os membros da comissão pré-sinodal haviam chegado a Roma, em sua maioria vindos da América Latina. A expectativa era grande: preparar junto ao Papa Francisco um Sínodo Especial para a Amazônia.

Durante toda a primeira semana de trabalhos, o Papa fez questão de estar com eles e elas, o dia todo. Alegre e acolhedor nos momentos informais e na pausa do café, durante as reuniões, porém, ficava calado. Entrava, abria seu caderno, anotava aten-

tamente tudo o que era falado; no fim da sessão, agradecia, fechava o caderno e se levantava.

“Santo Padre, o senhor nos convocou de tão longe e não vai nos dizer nada?”

No final da semana, Papa Francisco comentou: “É isso que quero da Igreja neste Sínodo: que se cale e, primeiramente, de forma atenta e demorada, se ponha a escutar”.

Mais que uma reflexão teológica, quero resgatar neste texto a experiência viva da presença do Espírito, no longo exercício de escuta antes e durante a Assembleia Sinodal.

A quem escutar?

“Para os Padres sinodais, pedimos, do Espírito Santo, antes de mais nada o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvir com ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama”. Foi o discurso de Papa Francisco em preparação ao Sínodo da Família, retomado na Constituição Apostólica *Episcopa-*

¹ Coordenador provincial dos combonianos no Brasil e assessor da Rede Eclesial Pan-amazônica – REPAM-Brasil, Equipe de Ecologia Integral da Conferência de Religiosos/as de América Latina - CLAR e da Comissão Especial para Ecologia Integral e Mineração da CNBB.



lis Communio [EC, n. 6].

A escuta é um dom do Espírito Santo. Não depende de nosso voluntarismo, de nossa capacidade de extrair tesouros ou roubar segredos nas experiências que realizamos; é um estilo de docilidade e confiança, requer paciência e descentralização. Deixar de nos sentirmos sujeitos e mestres, para assumirmos uma posição de aprendizes. Sim, escutar é também questão de posição, como veremos mais adiante.

O Papa destaca dois elementos-chave da escuta: Deus e o povo. Estão compenetrados: Deus nos educa para sairmos da relação intimista com ele e prestarmos atenção ao grito do povo; ao mesmo tempo, nas “palavras do povo” se manifesta a vontade de Deus.

Quais seriam estas “palavras do povo”? Não se trata de uma barata opção populista, como aquela do prefeito de minha cidade, no interior do Maranhão, que declarava “a voz do povo é voz de Deus” e se considerava o único intérprete dela!

Todas e todos experimentamos, muitas vezes, a conversão que provoca em nós a insistência do povo [mais ou menos como na parábola do juiz iníquo]. Convencidos de nossas verdades, aprendemos a nos repensar, uma vez que esta insistência nos mostra que, frequentemente, as pessoas intuem melhor que os líderes para onde trilha o melhor caminho.

Também as palavras do povo são expressão de vida real, muitas vezes tão distante de nossos planos e discernimentos, feitos nos escritórios e computadores...

No nível da vida real, precisamos prestar atenção sobretudo às diversidades, escutá-las com respeito redobrado. Antes de tudo, escutar a diversidade das culturas e das religiões; Santiago Villamayor diz: “Escutar todas as músicas do mundo, especialmente aquelas que vêm dos povos sem voz”². Da mesma forma, deixar-se surpreender pelo novo que vem das mulheres, para que finalmente lhes seja reconhecido o direito pleno a voz e vez e à cidadania na Igreja.

Atenção ao mito de uma “escuta equilibrada” de todos os lados: é muito parecido àquela da “justiça cega”, que trata todos da mesma maneira. Numa sociedade cada vez mais desigual, nossa escuta também deve tomar posição, decidir a quem prestar ouvido primeiro, onde procurar a voz das vítimas, como permitir que os sem voz sejam ouvidos.

Na frase tão densa de Papa Francisco em EC, faltou, porém, um terceiro elemento, que ele recupera muito em toda a Encíclica *Laudato Si'*: a escuta da Criação.

“Há um ‘segredo’ sutil em cada um dos movimentos e dos sons deste mundo. Os iniciados chegam a captar o que dizem o vento que sopra, as árvores que se curvam, a água que corre, as moscas que zunem, as portas que rangem, o canto dos pássaros, o dedilhar de cordas, o silvo da flauta, o suspiro dos enfermos, o gemido dos aflitos...”³.

2 VILLAMAYOR, Santiago. “Eso nace y sale” – Aproximación al posteísmo, em Arregi, Magallon, Musset, Ress, Vigil, Villamayor, Después de Dios - Otro modelo es posible. *Nuevo Tiempo Axial*, maio 2021.

3 Citação do mestre espiritual Ali Al-Khawwas, em Eva De



Jesus louva, no Evangelho [Lc 12,54-55], a capacidade humana de observar e colher os sinais da natureza. Mas desafia a ir mais fundo, para sabermos avaliar e discernir o tempo em que vivemos.

É o tempo, definitivamente, de abandonarmos o antropocentrismo desordenado que nos trouxe a este nível de destruição. Não há mais somente nossa voz dando nome às coisas todas, como fez Adão. É o tempo de escutar a voz das criaturas, de cada uma delas, para que sejam elas a nos dizer seu nome, a sugerir seus ritmos e princípios de vida.

Escutar, de maneira ainda mais profunda e total, o “pulsar de Deus na Criação”. Como comenta Diarmuid O’Murchu⁴: “A vida é sustentada por uma energia criativa que começa fundamentalmente na natureza, com uma tendência a se manifestar e se expressar no movimento, no ritmo e nos padrões. A criação é sustentada por uma inquietação sobre-humana e pulsante, uma espécie de ressonância que vibra através do tempo e da eternidade”.

Vitray-Meyerovitch, [ed.]. *Anthologie du soufisme*. Paris, 1978, 200, por sua vez citada na nota 159 da Encíclica *Laudato Si’*.

4 O’MURCHU, Diarmuid. *Quantum Theology*. NY: Crossroad, 1998, p. 197.

Interpretar os sinais da Criação não significa, simplesmente, buscar nela confirmações para nossas teorias, mas reconhecê-la nas condições de sujeito, sujeito de direitos e de expressão. Ao ponto de sentir sua falta, em todas as decisões ou avaliações em que, possivelmente, sua voz não esteja sendo considerada.

Isso muda radicalmente nossas posturas. O que seria um Plano Pastoral Diocesano, por exemplo, em cuja construção exista uma atenção prioritária ao grito da Criação?

A releitura de Gênesis que fizemos pode ecoar também em leituras mais abrangentes de outras passagens bíblicas que estão entre as pedras miliares de nossas referências espirituais. Poderíamos proclamar: “Eu vim para que *tudo* tenha vida”; ou fazer memória em chave mais ampla

da passagem clássica de Êxodo: “Eu ouvi o grito de meu povo e *das minhas criaturas*, e desci para libertá-los”. Não se trata de pobres jogos de palavras, ou de irreverência bíblica, mas de oferecer à espiritualidade popular elementos simbólicos que ampliem a profundidade da Revelação.

Ao abrir espaço para este terceiro elemento em nossa escuta, a Criação inteira, descobrimos também que ela mesma é capaz de escutar bem mais que nós. O campo auditivo



**É o tempo, definitivamente,
de abandonarmos o
antropocentrismo desordenado
que nos trouxe a este nível
de destruição.**

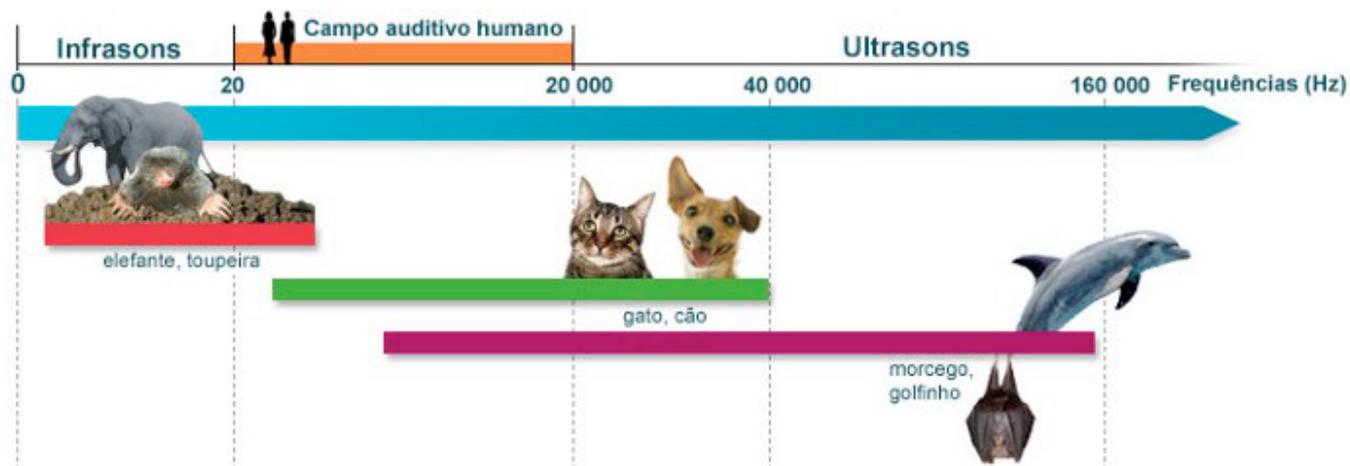


Foto: Divulgação

humano, de fato, é bastante limitado [entre 20 e 20mil hertz de frequência]. Há espécies, porém, capazes de ouvir infrasons, com frequência menor, ou ultrasons, bem acima de nossas frequências. Enfim, precisamos humildemente dimensionar nossa capacidade de escuta e de percepção da realidade, cientes de que não é a única, nem é muito abrangente!

Como escutar?

Além de ampliar o foco de nossa escuta [saber escutar Deus, o povo e a Criação], há o desafio de afinar e reeducar nosso jeito de perceber a realidade. Dom Erwin Kräutler nos ajuda a compreender isso, quando reflete sobre a diferença entre o 'ver' e o 'escutar':

O Ver se complementa por um 'Escutar' dos anseios e expectativas de nossas comunidades. O Ver isolado só pode fornecer-nos uma descrição da conjuntura, permitindo-nos apenas olhar como objeto de estudo o que está se passando, para daí tirar nossas consequências. Uma análise que parte exclusivamente do Ver sempre é fruto de deduções a partir das

observações subjetivas do expectador. O Escutar, no entanto, envolve as comunidades e pessoas no sentido de elas mesmas se tornarem sujeitos participantes do estudo ou análise da realidade em que vivem. O Escutar pressupõe uma série de perguntas que se faz ao interlocutor cuja opinião se indaga. Não se trata, porém, de uma via "sentido único". As comunidades e pessoas ouvidas têm direito a um retorno como resposta às consultas⁵.

Escutar, para Dom Erwin, parece ser um verbo 'mais-que-transitivo', um verbo que nos desloca, que transforma o objeto da escuta em sujeito da narração, sujeito –inclusive – com direito à resposta, à devolução dos frutos daquilo que a escuta transformou em nós!

Ao fazer uma releitura do itinerário do Êxodo, buscando purificar e aprofundar a relação com Deus, também Santiago Villamayor insiste entre uma diferença entre o ver e o escutar: "A

5 KRÄUTLER, Dom Erwin. *Novos caminhos para a Igreja - Reflexões e compromissos em continuidade ao Sínodo para a Amazônia* [texto ainda não publicado].



imagem leva à idolatria; a voz convida à libertação e a pôr-se no lugar dos pobres, que é de onde podemos escutar o eco da divindade”⁶.

Existe um vínculo entre a sinodalidade e a escuta. Como dizíamos anteriormente, escutar é também questão de posição; lembro a surpresa de algumas comunidades no interior de certas regiões amazônicas, quando chegava o padre, ou o bispo, durante o processo de escuta do Sínodo. Sentava e, por uma vez, em lugar de dar formação, informação ou instruções, prestava atenção naquilo que as comunidades tinham a dizer.

Escutar é afirmar uma nova geometria da Igreja: circular, horizontal, “poliédrica”, descentralizada, itinerante e não estática, com o bari-centro fora de si...

Isto só funciona se nossa escuta for capaz de sair dos esquemas, de fugir daquilo que gostaríamos de ouvir, ou das pessoas que, por diversos motivos, nos dizem o que queremos confirmar. Por isso, é essencial ousar escutar o diferente, o excluído, o silenciado, mesmo quando isso for incômodo.

Este espírito sinodal parte dos que estão embaixo, dos problemas de cada dia; dialoga com as diversas espiritualidades, especialmente “aquelas que uma falsa altivez espiritualista excluiu ou esqueceu”⁷.

É evidente que nossa capacidade de escuta

adoeceu.

É bem simbólico, neste sentido, o fato que o último gesto de cura de Jesus, no Evangelho de Lucas [22,51], seja exatamente a recomposição da orelha de um empregado do Sumo Sacerdote, cortada pela violenta reação de um companheiro do Mestre. Logo em seguida, a Palavra de Deus traz uma série de episódios em que está escancarada a incapacidade de escutar: Pedro com a criada no pátio do Sumo Sacerdote, o processo no Sinédrio, o diálogo com Pilatos, as perguntas de Herodes...

A primeira evidência, no diagnóstico deste nosso adoecimento, é que para escutar precisa fazer silêncio. Em outras palavras, descolonizar nossas relações: admitir que o encontro pode ser revelador de novidade, que não possuímos a verdade por inteiro, que não temos a fanática missão de convencer o outro.

Realmente, isto é um desafio na sociedade contemporânea educada na base de escutas seletivas e reforços viciados das ideias daqueles que estão na mesma “bolha”.

Uma terapia possível, frente a esta opção explícita pela surdez, seria o exercício de escuta do distante, do diverso, do pequeno. Assumir uma posição de empatia, que não significa relativizar nossas convicções, ou adequar-se àquelas do outro, mas tentar perceber as razões, os sentimentos, os medos do interlocutor. Sempre que possível, não oferecer respostas já construídas, em alternativa frontal; suscitar perguntas, instigar a suspeita, provocar aprofundamento.

O Cardeal Tolentino, refletindo sobre os desafios da crise sanitária e de sentido provocada pela pandemia da Covid-19, considera que

6 VILLAMAYOR, 2021, op cit.

7 PLACER UGARTE, Félix - *Sinodalidad y espiritualidad*. Disponível em: https://www.religiondigital.org/opinion/Sinodalidad-espiritualidad-PLacer-liberacion-camino-espiritu_0_2351464832.html



esta é uma oportunidade para “ouvir o futuro”. Um tempo de intensificação das relações, um tempo precário, de *kenosis*, que exatamente por isso é tempo de Graça, porque surgem as perguntas fundamentais.

É um tempo para vencer a banalidade, reconhecer nossa fraqueza existencial e aprofundar a dimensão mística, que é a capacidade de se surpreender, num assombro radical, e indagar: “por que estamos aqui?”. A existência não é um direito que nos pertence, somos hóspedes...

A socióloga equatoriana Natália Serra desafia a “tornar-nos vazios”, relativizar o paradigma da afirmação e da imposição, típico do estilo colonial e patriarcal, ávido de imediatez, e assumir o paradigma da escuta. Tornar-se vazios, como um útero aberto à fecundação. Resgatar a escuta na forma instigante dos “caracóis”: uma forma comum, na natureza, adotada também por algumas comunidades e movimentos sociais como estrutura base de organização. O caracol, a espiral, é uma imagem bonita da atitude de escuta. Até nosso ouvido tem forma de caracol! Uma escuta aberta, vazia em seu centro, que se deixa habitar. Uma escuta que vai e que vem, não linear, capaz de voltar sobre si mesma, repensar-se, refazer-se a cada aprendizagem, resgatar contatos e relações, elevando-os e trazendo-os cada vez mais para o centro.

Escutar, finalmente, tem a ver com a verdade. Nossa capacidade de escuta é inversamente proporcional à nossa convicção de

conhecermos e possuímos a verdade.

Na Encíclica *Fratelli Tutti*, a verdade é definida como “a busca dos fundamentos mais sólidos que estão na base de nossas opções” (n. 208). No Evangelho de João [14,6], a verdade se encontra entre o caminho e a vida, exatamente como uma busca, um descobrimento coletivo e progressivo, um percurso sedento e nunca acabado.

Em sintonia com esta metáfora, cabe nos perguntar qual seria, então, um símbolo capaz de representar nossa fé, feita de relação com Deus e com os outros: talvez seria mais um cântaro vazio que uma pia batismal...

REFERÊNCIAS

FRANCISCO. *Constituição Apostólica Episcopalis Communio*. Sobre o Sínodo dos Bispos. Documentos Pontifícios 36. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Documentos Pontifícios 44. Brasília: Edições CNBB, 2020.

Desafios e horizontes para a ecoteologia no mundo contemporâneo

Pe. Ricardo Gonçalves Castro¹

A terra e seus habitantes, vivemos momentos sombrios e somos chamados a habitar e entrar neste tempo. Os desafios atuais desencadeiam em nós dúvidas e angústias. A resposta a esses sentimentos brota da fé no Deus da vida que continua alimentando nossos corpos, nossos espíritos e nossas mentes. O poeta amazonense Thiago de Melo nos adverte em sua poesia: “faz-se escuro, mas eu canto”. O nosso canto é de lamento. Assim como o profeta Jeremias chorou sobre a destruição da cidade santa [Lm 1,16] e Jesus com a incredulidade de seu tempo, nossa resposta é o lamento [Mt 23,36-39]. O lamento é uma reação própria do coração humano frente aos grandes desafios, aos desmandos humanos, à ignorância e à violência.

Lamento é uma forma de tristeza. Mas, o lamento não é somente uma expressão de tristeza e angústia. É também reconhecimen-

¹ Possui doutorado em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [2018-Puc-Rio]. Atualmente é professor da Faculdade Salesiana Dom Bosco, Diretor do Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia.



Foto: marcio isensee / Shutterstock.com

to individual ou comunitário de que as relações vitais foram fragilizadas, fragmentadas e infielmente vividas. O lamento é sobre o que aconteceu ou o que está acontecendo, mas no seu interior existe uma semente de esperança, de luz, de cura da dor e do sofrimento. O lamento nos dá consciência da destruição, da fragmentação e das relações quebradas, cria instintivamente um desejo, uma busca de



cura. A ligação entre entristecer, curar e consolar, pode produzir o novo, as justas relações, a superação de sistemas opressores e destruidores da vida. O verdadeiro lamento não é ressentido e odioso, nasce da generosidade do coração, do anseio por reconciliação. Torna-se uma oração confiante e silenciosa, um pedido confiante de que o nosso lamento e o nosso grito serão escutados pelo Deus da libertação criadora. O lamento não é utilitarista, nem egoísta, mas necessário, como uma criança que chora pedindo os peitos cheios de vida da mãe, ou simplesmente um carinhoso abraço aconchegante.

Nosso lamento nasce de uma crescente preocupação com o processo cada vez mais intenso de destruição da criação nos últimos vinte anos. A destruição é tamanha que alguns pensadores consideram o estado ecológico do mundo uma crise de tal grandeza, cujo efeito geral ameaça impactar muitas ou todas as formas de vida do planeta Terra, tão radicalmente, e até mesmo terminalmente. O sistema de vida deste planeta está sob profunda ameaça.

Lamentamos a discrepância que há entre as afirmações a respeito das questões ambientais, que são cruciais e determinantes para os indivíduos e governos, e as efetivas e eficazes ações correspondentes. Os dados, fatos e fenômenos indicam que essas questões ainda estão longe de ser resolvidas de forma eficaz. A deterioração ecológica em todos os biomas do planeta ocorre numa escalada massiva crescente. Essa deterioração é evidente no aumento do consumo de energia, polui-

ção de todos os tipos, incluindo emissões de carbono, crescimento excessivo da população humana, esgotamento de recursos não renováveis e perda da diversidade animal e vegetal. Histórias de sucesso ambiental, como a proibição dos CFCs, que impediu o aumento do tamanho dos buracos na camada de ozônio, são relativamente raras. Em vez disso, acordos ambientais, como restrições às emissões de carbono, são frequentemente ignorados ou subvertidos; quando as restrições são cumpridas por um grupo de países, isso geralmente é desconsiderado por outros grupos de governos.

Lamentamos que neste momento de nossa história nacional e mundial, estamos fracassando em dar uma resposta adequada e eficaz ao que muitas vezes é visto como uma crise potencialmente catastrófica que vem se tornando o problema central de nosso tempo. Não estamos apenas falhando em reverter nossa situação ambiental atual, mas a estamos exacerbando, aumentando a produção e emissões de carbono e elevando, em taxas exponenciais, o contingente da população humana. Podemos comparar nossa situação com a história do Titanic para expressar a posição ecológica de hoje, em que recebemos o aviso da colisão com o iceberg e tomamos a notável decisão de dobrar a velocidade do motor para velocidade máxima, ou seja, aumentamos da inércia de aplicar as orientações adequadas à crise, para aprofundar a destruição planetária. A incapacidade da humanidade de pensar, sentir, imaginar e agir para sair do atual impasse ecológico é debili-



tante, frustrante e preocupante.

Muitas vezes temos a sensação de que sabemos que devemos tomar providências emergenciais e radicais, mas não somos capazes de fazê-lo. Para muitos ecologistas, essa ladeira se aprofunda, por exigir muito altruísmo, muito empenho na transformação de nosso modelo de vida, modelo de sociedade e modelo de ciência. O empenho de tomar decisões para o cuidado da Casa Comum tem sido menos energizado e eficaz do que outros movimentos como o feminismo (na luta pelos direitos das mulheres), como a luta por direitos civis dos negros e LGBTQI+. Estas questões impactaram a vida das pessoas mais pessoalmente e, portanto, fomos capazes de equipar com mais sucesso aqueles e aquelas que participam na transformação social através de uma “autocapacitação direta”. Quanto à deterioração do mundo natural, inexoravelmente, sentimos a urgência do problema, mas a imobilidade ecológica é crescente. O miasma de tédio que caiu sobre a questão ecológica nos últimos anos nos dá a sensação de que, embora importante, ela é uma espécie de tarefa social, uma responsabilidade sombria que esta geração está deixando, cada vez mais pesadamente, sobre os ombros das gerações futuras.

Ao lamentarmos a paralisia ecológica identificada com uma dimensão trágica e cíclica, somos tomados pela percepção enfraquecedora de que as dificuldades ambientais são intransponíveis, mas também agrava a crise inicial porque não conseguimos conter os atuais altos níveis de consumo, poluição e crescimento e, portanto, acelera a taxa de deterio-

ração do mundo natural. Uma gama altamente complexa de fatores contribui para a falta de uma resposta eficaz às questões ecológicas. A falta de informação e as informações negacionistas que desmerecem a ciência ecológica [que causa incerteza quanto ao melhor curso de ação]. Certa relutância, e jogos de sutilezas políticas mundiais para se tomar decisões globais, consensuais e unitárias, em favor da vida do planeta. Há uma negação nefasta a respeito da extensão (ou existência) da grave situação dos ecossistemas. Mantém-se um comprometimento ideológico e/ou habitual com práticas antiecológicas de longa data. Enfraquecimento da vontade de renunciar aos benefícios e resultados (materiais, psicológicos e ideológicos) do modo de vida consumista.

De alguma forma alimenta-se no imaginário social e político, em torno das questões ambientais, uma ilusória suposição de que existe uma solução [ainda desconhecida] que pode e será, em algum momento implementada de alguma forma, nos permitindo de continuar perpetuando nosso modo de viver que é essencialmente destrutivo da vida na Terra.

Essa perspectiva é às vezes descrita na literatura ecofilosófica como a abordagem ‘superficial’, em contraposição ao que às vezes é descrito como ‘profundo’. A posição ‘superficial’ apresenta a crise ecológica em termos de questões únicas que podem ser resolvidas com relativa facilidade e simplesmente por meio de pequenas mudanças comportamentais [como reciclagem, apagamento das luzes não utilizadas e compra de créditos de carbono] ou por meio do desenvolvimento



e implementação de novas formas de tecnologia. Embora haja definitivamente lugar na ação ambiental para pequenas mudanças de comportamento e inovação tecnológica, elas podem ser insuficientes, por si próprias, para abordar questões globais sem precedentes, como as mudanças climáticas, de forma rápida ou profunda o suficiente.

Soluções superficiais são inadequadas porque a crise ambiental é profunda e altamente complexa. Envolve muitas, senão todas as esferas da atividade humana. E por ser inédita, há inevitavelmente um certo grau de incerteza quanto às melhores maneiras de abordá-lo. Podemos articular a profundidade e a complexidade da crise ambiental enfatizando seu aspecto multidimensional. Primeiramente, é uma crise que impacta os contextos vitais do sistema de vida da terra [intervenções e explorações ao antropoceno estão modificando profundamente os sistemas de vida]. Segundo, é uma crise de consciência [na qual os seres humanos não estão suficientemente conscientes do impacto de seu modo de vida sobre o meio ambiente]. E por fim, é uma crise de consciência humana [que ainda não foi suficientemente estimulada para nos motivar a fazer mudanças fundamentais em nosso estilo de vida e modo de organizar a sociedade]. Esta perspectiva nos convida a uma resposta ecológica que vai além de soluções simples e superficiais. Deverá ir além da suposição de que, se formos informados sobre uma situação, necessariamente responderemos a ela de maneira adequada. Como já se observou, o comportamento ético não emerge necessa-

riamente da aquisição de conhecimento e informação. É uma falácia liberal presumir que a informação e a educação constituem a chave para a justiça.

Neste sentido, presumimos que os problemas ecológicos estão profundamente enraizados nas estruturas humanas. Deste modo, os meios para lidar com esses problemas provavelmente exigirão um modo de vida radicalmente sustentável que não exceda os recursos finitos da Terra e nem impeça a sua capacidade de se renovar. Neste sentido podemos dizer que a questão é essencialmente cultural. Argumentamos que a solução não é principalmente sobre mais conhecimento ou tecnologia; trata-se de desenvolver uma cultura ambiental que valorize e reconheça totalmente a esfera não humana e nossa dependência dela, e seja capaz de tomar boas decisões sobre como vivemos e impactar no mundo não humano.

Trataremos o pensamento e a crença como as categorias que mais fundamentalmente determinam o comportamento ambiental. Quando discutimos a conexão entre as ideias e a decadência ambiental, sugerimos que uma razão importante para a discrepância entre a preocupação ambiental, por um lado, e a incapacidade de mudar o comportamento ambiental, por outro, é que as ideias e as atitudes que deram origem aos danos ambientais não foram ainda suficientemente questionadas e alteradas. O rápido aumento da taxa de deterioração ecológica ocorre como resultado de uma perspectiva intelectual e filosófica. Uma das razões da rápida deterioração da vida no século XXI se



deve, também, às ideias e políticas e econômicas prevalecentes e de uma perspectiva ecológica que pouco se aprofundou e se aplicou. Se as ideias econômicas políticas atuais contribuíram significativamente para a nossa atual situação ambiental, então de certo modo, o declínio ecológico se origina com a ideologia da industrialização e do crescimento econômico.

Nenhuma seita respeitável entre os políticos e economistas poderia explicar a depreciação de ativos naturais. Os verdadeiros hereges, economistas que desafiaram o objetivo fundamental do crescimento e buscaram reconhecer o valor dos serviços ecossistêmicos, permaneceram fora dos limites até o final do século XX. O pensamento econômico não se ajustou às novas condições que ajudou a criar; assim, continuou a legitimar, e na verdade, a causar indiretamente mudanças ecológicas massivas e rápidas. Uma das causas desta situação está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. Segundo Papa Francisco: “A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo”.

A prioridade abrangente do crescimento econômico foi a ideia mais importante do século XX. Muitos pensadores vão além, ligando a decadência ambiental não apenas com ideias de economia e política, mas com ideias relacionadas à autocompreensão humana e visão de mundo, sugerindo que pode haver

uma conexão entre o fenômeno da decadência ecológica e uma crise existencial percebida na cultura do Ocidente. Assim, é possível considerar que os danos aos biosistemas da Terra resultam de uma profunda patologia cultural. O problema não está fora, mas dentro de nós, não no ecossistema, mas no coração humano, na mentalidade coletiva. A decadência ambiental pode ser vista e analisada como resultado da perda humana de um profundo ‘conhecimento’ da natureza. A presente situação é principalmente a consequência da perda de um conhecimento sapiencial da natureza e de um conhecimento interior, uma crise espiritual e não simplesmente o resultado de má engenharia.

A crise ecológica pertence ao todo da biosfera. Em termos de humanidade, a crise afeta todos os seres humanos, portanto, é necessariamente um desafio ético-filosófico para todas as religiões e culturas. As preocupações ecológicas afetam a todos os aspectos da vida humana, portanto, mais fundamentalmente, a crise ecológica é uma crise de valores, um problema de atitude, uma preocupação espiritual. Segundo Moltmann, o que chamamos de crise ecológica não é apenas uma crise no ambiente natural dos seres humanos. É nada menos do que uma crise nos próprios seres humanos.

O desafio apresentado pela crise ecológica pode, portanto, ser entendido como profundamente relacionado à forma como o ser humano percebe a realidade em que vive. Nosso entendimento tem um impacto significativo sobre o mundo, e nossa visão de mundo, por sua vez,



afeta o que estamos fazendo com a Terra. Segundo Whitehead, “como pensamos, vivemos”. Nossa visão da realidade [isto é, nossas visões de mundo ou cosmologias] influenciam poderosamente os valores, crenças, motivações, emoções, pensamento e comportamento humanos porque determinam como vemos o outro transcendente, como nos vemos (como indivíduos e como espécie) e como vemos o mundo natural. As atitudes humanas em relação ao ambiente são amplamente determinadas pelas maneiras como entendemos o universo.

O que pode estar por trás do fenômeno contraditório, de um ambiente em rápida deterioração e um ponto crítico da compreensão humana desta realidade, tem a ver com a questão muito complexa de como os seres humanos atualmente percebem a relação entre a humanidade e a natureza, com um desligamento, a quebra de um vínculo que constitui um conflito inerente à humanidade com repercussões religiosas. Principalmente, no campo da compreensão do humano como imagem e semelhança de Deus.

É irônico que a única coisa que todas as religiões reconhecem como algo que nos separa de nosso criador – nossa própria autoconsciência – também é a única coisa que nos separa de nossos semelhantes terrenos. O que resultou de nossa autoconsciência humana, tão aclamada pela subjetividade moderna [penso logo existo], foi o isolamento tanto do Criador quanto dos grupos humanos diversos e do restante da diversidade mineral, vegetal e animal. A distinção intrínseca da natureza humana, sem dúvida, foi aguçada, especialmen-

te na era moderna, à luz de duas fraturas ou deslocamentos adicionais [inter-relacionados]: aquele entre o mundo divino e natural e aquele entre os seres humanos e o divino. Portanto, a crise ecológica pode ser entendida em um nível mais profundo como uma crise de espiritualidade, porque a maneira como os seres humanos entendem sua relação com o mundo natural está intrinsecamente ligada em como entendemos nossa própria relação com Deus, e com nosso entendimento da relação entre Deus e o universo. Este paradigma triangular de relações quebradas [humano-divino, humano-natureza e divindade-natureza] parece, no contexto contemporâneo, ter uma relação significativa com a deterioração ecológica.

Se a maneira como os seres humanos se veem em relação ao universo está intimamente ligada a atitudes e comportamentos ecológicos, então as atuais crises ecológicas e existenciais exigem uma resposta profunda que envolve a maneira como entendemos a nós mesmos, Deus e o mundo natural. As teologias ecológicas sugerem que essa resposta envolverá uma profunda mudança na cosmologia – cosmovisão – que em termos espirituais pode ser entendida como uma conversão ou metanoia, alfabetização ecológica, iniciação a uma vida ecológica cristã.

A luta por vida sustentável que gere vida em abundância para todos e todas nesta terra e a relação com o Deus transcendente, não é um problema novo; as tensões da vida mundana e da vida cristã geraram discussões desafiadoras para a ética cristã. Mas as questões que emergem da crise ecológica desafiam as tradições



teológicas de maneiras sem precedentes nos debates sobre as atitudes cristãs, que vão para além das questões éticas sobre a guerra, sexualidade ou pobreza. Pois as questões ambientais apresentam problemas morais que escapam às estruturas aceitas da ética teológica. A perda de espécies e a degradação da biodiversidade obviamente prendem nossa atenção moral, mas como isso importa para a vida cristã? As novas biotecnológicas, as nanotecnologias e engenharia genética exercem controle agressivo sobre os organismos vivos e os vegetais, mas que parte da história cristã oferece aprovação ou desaprovação para essas práticas? A globalização do capitalismo mudou tudo, da agricultura às economias locais, mas como isso é medido pela sabedoria teológica? Em um mundo em processo de urbanização galopante, a necessidade de planejamento sustentável, habitação e uso de energia exige novas formas de políticas imaginativas, mas como essas são inteligíveis e podem ser pensadas pelas comunidades cristãs? As mudanças climáticas geram novas problemáticas para a sociedade e para os indivíduos e trazem em si questões morais, mas como isso pode ser feito nas manhãs das celebrações do domingo?

Para os eticistas cristãos essas questões su-

peram a competência das abordagens teológicas tradicionais, forçando novas revisões. Outros acham que podem encontrar novas capacidades nos recursos tradicionais. De qualquer forma, a ecoética cristã deve enfrentar o desafio que a crise ecológica apresenta às tradições teológicas e às práticas morais. Ecoteologias e ecoéticas cristãs têm a tarefa de tornar as questões ecológicas inteligíveis

para as comunidades cristãs e significativas para a experiência cristã. Ativistas, ecologistas, agentes sociais e líderes cristãos podem se valer de suas respectivas tradições e saberes para enfrentar os desafios deste momento da história da vida neste Planeta.

Ecoteologias

Nos últimos cinco anos, se elaborou um conjunto de reflexões teológicas voltadas para um aspecto importante, mas que foi pouco elaborado pelo pensamento cristão, conhecido como teologia ecológica ou “ecoteologia”. O caráter da ecoteologia foi percebido de várias maneiras. Pode ser visto como uma preocupação com o mundo natural, baseada no reconhecimento de Deus como criador que chama os humanos para cuidar da terra e de seus recursos de maneira responsável e justa. Também é visto como uma tentativa de recu-



A luta por vida sustentável que gere vida em abundância para todos e todas nesta terra e a relação com o Deus transcendente, não é um problema novo.



perar a sabedoria ecológica do cristianismo como uma resposta às ameaças e injustiças ambientais, e uma tentativa de reinvestigar, redescobrir e renovar a tradição cristã à luz dos desafios colocados pela crise ambiental. Esta última definição indica que, além de ser um tipo de teologia, a teologia ecológica é também um método de fazer teologia, isto é, de abordar a teologia de forma ecológica; assim, oferece uma crítica cristã dos hábitos culturais subjacentes à destruição ecológica e uma crítica ecológica do cristianismo.

Ecoteologistas observam quatro ênfases na ecoteologia e ecoética cristãs. Primeiramente, a redescoberta de que toda a comunidade terrestre é valiosa para Deus. Segundo, assume a tarefa de repensar a cosmologia cristã, especialmente em relação à espiritualidade e à ética. Terceiro, procura repensar os conceitos, imagens e representações cristãos à luz do desafio ecológico. Quarto, no âmbito da ecoética cristã reflete sobre a justiça ecológica e a relação com a justiça social, que em si é uma fusão de sensibilidade sacramental e compromisso de aliança da humanidade com Deus e de Deus com a natureza.

Para a ecoteologia bíblica, os textos bíblicos podem ser compreendidos a partir seis princípios de ecojustiça:

1. O princípio de valor intrínseco [o universo, a Terra e todos os seus componentes têm valor / valor intrínseco];

2. O princípio da interconexão [a Terra é uma comunidade de seres vivos interconectados que são mutuamente dependentes uns dos outros para a vida e sobrevivência];

3. O princípio da voz [a Terra é um sujeito capaz de erguer a voz em celebração e contra a injustiça];

4. O princípio do propósito [o universo, a terra e todos os seus elementos, são parte de um desígnio cósmico dinâmico dentro do qual cada parte tem um lugar no objetivo geral desse projeto divino];

5. O princípio da responsabilidade mútua [a Terra é um domínio equilibrado e diversos em que os/as guardiães responsáveis podem funcionar como companheiros, em vez de hierarquias de dominação, para sustentar uma comunidade terrestre equilibrada e diversa];

6. O princípio da resistência [a Terra e seus componentes não só sofrem das injustiças cometidas por humanos, mas resistem ativamente a elas na luta pela justiça].

A teologia ecológica se desenvolveu amplamente na década de 1970, e desde a década de 90 se torna uma resposta aos grandes desafios de destruição ambiental, em paralelo com os movimentos ambientalistas, que fazem nascer a epistemologia da ecologização dos saberes. As teologias ecológicas se basearam na tradição cristã para explorar os conceitos teológicos do mundo natural, mas também buscar ir além deles. Era comum para Santo Agostinho... pregar que Deus colocou dois livros à nossa disposição, o livro das Escrituras Sagradas e o livro da Natureza. Se aprendermos a ler o livro da natureza corretamente, ouviremos a verdadeira palavra de Deus e seremos levados ao conhecimento sobre a sabedoria, o poder e o amor de Deus.



O pensamento cristão muitas vezes desconsiderou o 'livro da natureza' de Agostinho e fixou o olhar cristão principalmente no divino e no humano, como consequência, a teologia cristã frequentemente tem ignorado o mundo natural ou o trata simplesmente como palco das ações divinas. Na maioria das tradições cristãs dominantes, a biosfera ainda é percebida como teológica e eticamente trivial, como simplesmente o cenário para o drama divino-humano, que é o único que tem significado salvífico. Contra isso, a ecoteologia intencionalmente desenvolve um novo tipo de teologia da criação que afirma um paradigma triangular que compreende, e mantém juntos integralmente, Deus, a humanidade e o cosmobiótico.

Nesta descrição de ecoteologias podemos ainda apontar para cinco tipos diferentes de ecoteologia que se elaboraram em diversas tradições cristãs e contextos geográficos diversos:

1. A escola reconstrucionista [exemplificada por Matthew Fox], que considera o pensamento cristão tradicional como tendo poucos ou nenhum recurso teológico e, portanto, elabora-se de uma combinação de tradições místicas e espirituais das religiões não cristãs;

2. A escola apologética [como o Conselho Mundial de Igrejas], que busca defender a posição cristã clássica e afirmar seu conteúdo ecológico positivo;

3. A escola revisionista, que trabalha principalmente inserida no interior do pensamento cristão clássico e das Escrituras, mas que acredita que essa tradição precisa ser reformada;

4. A escola libertadora, que articula o grito da terra com o grito dos pobres;

5. A escola ecofeminista torna-se um feminismo com consciência ecológica. As correntes ecofeministas em todas as suas variantes estabelecem uma relação entre o patriarcado e a natureza, e elabora-se a partir dos seguintes pressupostos:

a) existem elementos significativos em comum entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres;

b) é necessário entender a natureza dessa relação para poder analisar e combater ambas as opressões;

c) a teoria e a prática feministas devem incluir uma perspectiva ecológica; d) soluções para problemas ecológicos também devem incluir uma perspectiva feminista sobre a desigualdade entre mulheres e homens.

A emergência das ecoteologias faz com que estas se tornem fundamentais para que sejam feitas as reinterpretações, extensões e revisões, bem como um discernimento claro das influências ideológicas, para que se preserve a identidade histórica dos aspectos relevantes das teologias cristãs, e sejam capazes de valorizar as percepções éticas e dados ecológicos atuais.

As ecoteologias assumem também a tarefa de explorar e revisar o corpo dos textos cristãos e da tradição a partir de uma postura do contextual atual. O contexto é necessário para a teologia que se propõe a construção da consciência ecológica. A ecoteologia, como a própria ecologia, é essencialmente baseada na práxis e envolve uma preocupação com o



bem-estar prático e tangível de entidades ou ecossistemas específicos. A contextualidade é parte inerente do fazer ecoteologia, sendo o elemento distintivo das teologias não contextuais. Como a ecoteologia se refere intencionalmente ao seu contexto, é importante que essa reconstrução teológica seja acompanhada de um forte engajamento público, político-social que deixe claro a inter-relação entre a fé e as realidades ecológicas locais. Ecoteologias são também chamadas para a elaborar uma crítica teológica das estruturas e processos político-ideológicos [patriarcalismo, hierarquizações, violência e opressão] que geram a fragmentação, corroem os vínculos amorosos e comunitários, a fim de apresentar novamente a inter-relação da humanidade e da natureza como criaturas diante de Deus.

Ao referir-se e relacionar-se com seu contexto ambiental social, político e prático, a ecoteologia dá ênfase ao comportamento transformador, clamando por libertação e justiça para a criação e a humanidade. As marcas da ecoteologia que são relevantes para esse fim, incluem: a noção de que o mundo natural é inerentemente valioso; o princípio da interconexão; a necessidade de repensar e reafirmar a cosmologia cristã; a importância da tradição sacramental; a necessidade geral de revisar a teologia à luz de percepções e preocupações ecológicas. Em particular, o paradigma triangular do divino-humano-cosmos que a ecoteologia articula é afirmado e assumido neste estudo.

Para finalizar, apontamos alguns aspectos significativos para uma Ecoteologia Amerín-

dia, que precisam ser elaborados de acordo com seus contextos. Primeiro, a compreensão dos biomas brasileiros: a Ecoteologia Ameríndia tem como ponto de partida o conhecimento dos biomas, refletir sobre as particularidades, a história e sobre a ação humana nessas realidades naturais, a valorização dos povos originários e de suas culturas ecológicas. Em segundo lugar, compreender a diversidade das culturas ecológicas dos povos ameríndios, das comunidades rurais e urbanas, as particularidades da relação ser humano com a natureza, a compreensão da comunidade cosmobiótica e a ética do bem viver. Por fim, a elaboração, a partir das vivências comunitárias, de uma eclesiologia ecológica, caracterizada por uma ecologia das vivências comunitárias de igualdade, fraternidade e solidariedade com todas as formas de vida. Com forte tonalidade sobre o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad.: Newton Roberval Eicheemberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

HART, John. *Are They Saying About Environmental Theology?* New York: Paulist Press, c2004.

PRZEWORSKI, Adam. *Crises da Democracia*. Trad.: Berylo Vargas. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2020;

PIKETTI, Thomas. *Capital e Ideologia*. Trad.: Dorothée de Bruchard e Maria de F. O. do Cotto. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

BOFF, Leonardo. *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009;



FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015.

MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2019.

FRANCISCO. *Laudato Si'*, n. 55.

HATHAWAY, Mark ; BOFF, Leonardo. *O Tao da Libertação: explorando a ecologia da transformação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOLTMANN, Jurgen. *Deus na Criação – doutrina ecológica da criação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

WHITEHEAD, Alfred N. *Modos do Pensamento*. Ontário: Collier-Macmillan Canada, 1968

CASTRO, Ricardo, G. *Amazônia*. Novos caminhos nas relações entre homem e mulher. São Paulo: Edições Paulinas, 2020.

MURAD, Afonso [Org.]. *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus Editora, 2016.

RUETHER, Rosemary R. *Gaia y Dios: una teología ecofeminista para la recuperación de la Tierra*. Tradução cast.: Marta N. de Ferragut y Norma Lascano. Demarc: México D. C., 1993;

CROATTO, José S. *La Vida de la Naturaleza en Perspectiva Bíblica - apuntes para una lectura ecológica de la Biblia*. RIBLA: Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana, n. 21 [1995]: 47-55.

FOX, Matthew. *A Vinda do Cristo Cósmico: a cura da Mãe Terra e o surgimento de uma renascença planetária*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

GEBARA, Ivone. *Intuiciones ecofeministas: ensayo para repensar el conocimiento y la religión*. Trad.: Graciela Pujol. Madrid: Editorial Trotta, 2000.



Foto: Tarcisio Schnaider / Shutterstock.com

Escuta e ecologia integral são destaques na abertura do 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil

A Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil realizou na quarta-feira [18/08/2021], o 2º Encontro de Ecoteologia da Rede. Nesta edição, o evento trouxe como temas principais o Sínodo para a Amazônia e a Ecologia Integral, provocando reflexões sobre a espiritualidade da escuta e os compromissos e horizontes ecoteológicos.

Participam do encontro mais de 40 participantes, entre bispos, assessores da REPAM-Brasil, lideranças dos comitês locais e convidados.

Dom Erwin Kräutler, presidente da REPAM-Brasil, abriu o encontro acolhendo os participantes e lembrando a importância de refletir sobre o tema à luz da caminhada do Sínodo para a Amazônia. Durante o evento, Moema Miranda, assessora da Rede, conduziu um momento de memória do encontro de ecoteologia, realizado em 2017, que provocou diversas reflexões sobre o tema a partir da encíclica *Laudato Si*.



Quem escutar? A quem vale à pena escutar?

Essa é uma das provocações que o missionário comboniano e assessor da REPAM-Brasil, Pe. Dário Bossi, destacou no painel “A espiritualidade da escuta: o caminho do Sínodo para a Amazônia”. A apresentação abriu as discussões do primeiro dia do encontro.

Pe. Dário recordou o Papa Francisco durante o Sínodo para a Amazônia, que suscitou uma atitude permanente de escuta pedindo que sejamos sinal duma Igreja à escuta e em caminho. Para o missionário, o chamado do pontífice é uma “provocação quase permanente para todos nós”.

‘Pedimos antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvirem com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama’ [EC 6].

“O papa repete e tenta insistir conosco que a escuta ela é um dom do Espírito Santo, não é simplesmente um voluntarismo nosso, é, sobretudo, um dom do Espírito. Não depende de nossa capacidade ou habilidade, ao contrário, é um dom do Espírito que exatamente por ser dom requer uma postura permanente de docilidade, confiança, paciência e descentralização”, ponderou o assessor.

Ele afirmou ainda que o dom da escuta é um dom pelo qual deixamos de nós sentir “mestre” para assumir uma postura de aprendiz e de discípulo.

Compromissos e horizontes ecoteológicos

Márcia Oliveira, também assessora da REPAM-Brasil, conduziu as reflexões do painel “Documento Final e Querida Amazônia: compromissos e horizontes ecoteológicos para os novos caminhos”, onde apontou elementos do documento final e da Querida Amazônia.

No painel, a assessora afirmou que a sinodalidade foi o fio condutor da Assembleia Sinodal para escutar a realidade, encontrar os possíveis caminhos e promover ações que venham ao encontro das necessidades da região pensada a partir das particularidades de seu bioma, da diversidade sociocultural de seus povos e da posição estratégica que ela ocupa no planeta. “Então localizar a Amazônia nessa perspectiva como uma grande Casa Comum me parece que é o grande horizonte nessa perspectiva de novos caminhos, destacou Márcia.

Márcia ressaltou que, apesar da expressão não ser uma insistência no documento, a pro-

posta do diálogo e de aproximar a prosta da Ecologia Integral, que perpassou todo o Sínodo para a Amazônia e que está muito presente na Querida Amazonia, a Ecoteologia e encontrar os pontos comuns.

“Querida Amazônia nos apresenta um conjunto de caminhos que representam um itinerário de grande importância para a Igreja na Amazônia. Fundamentado em percursos sociais, culturais e ecológicos, o itinerário aponta para uma igreja que escuta o clamor do povo amazônico num território ameaçado e marcado pela morte”, afirmou a assessora.

Ampliando a reflexão, Ima Vieira afirmou que o Sínodo veio para reforçar a ecoteologia e sua perspectiva na teologia. Para ela, “a ecoteologia tem muitas perguntas que podem traçar muitos elementos próprios das suas preocupações podemos pensar na ecologia integral como uma reflexão relacionada a todas as dimensões da vida humana, que busca dar uma resposta na perspectiva holística relacional, mas ela também fala de práxis da ética da ecoteologia”.

Daniel Souza, teólogo, membro da Igreja Anglicana e convidado da REPAM-Brasil, partilhou algumas inquietações e provocou o grupo sobre a “escuta da diversidade”. Segundo Daniel, a escuta da diversidade também pode ser perigosa porque pode-se “criar uma inclusão excludente”.

“Então, eu crio um espaço de totalidade diverso, mas essa diversidade é uma inclusão excludente porque, de fato, não desloca o poder. O poder está mantido e os esquemas de quem diz o mundo, fórmula e estabelece. Então qual é o lugar da diversidade quando estamos falando de ecoteologia?, questionou o teólogo.

REPAM-Brasil encerra 2º Encontro de Ecoteologia com painel sobre os desafios para a Ecoteologia no mundo contemporâneo

Encerrou-se na quinta-feira, 19 de agosto de 2021, o Encontro de Ecoteologia da Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil. Na agenda do último dia, a programação trouxe o painel “Fratelli tutti e o Sínodo para a Amazônia: relações e intuições para a ecoteologia”, abordando o cuidado, diálogo e a fraternidade, e “Desafios e horizontes para a Ecoteologia no mundo contemporâneo”, refletindo sobre a crise ecológica.

Ir. Afonso Murad, marista e doutor em Teologia, abriu o evento com o painel “Fratelli tutti e o Sínodo para a Amazônia: relações e intuições para a ecoteologia”, apresentando os elementos do Documento Final e da Fratelli Tutti. “O sínodo para a Amazônia foi um apelo e um compromisso das nossas Igrejas de promover uma evangelização encarnada e coerente, enquanto a Fratelli Tutti tem um apelo para superar o ódio”, ressaltou o assessor.

Durante o diálogo, Murad refletiu sobre o bom samaritano e o estranho no caminho que, segundo o assessor, manifesta a opção fundamental para reconstruir o mundo ferido.



“Francisco diz que o mundo está ferido e para enfrentar esse mundo ferido a única opção é sendo bom samaritano, que são aqueles que mostram iniciativas para refazer uma comunidade que está dilacerada”.

“Incluir, integrar, levantar quem está caído”. (FT 77)

O assessor, recordando a cena do bom samaritano, afirma que “aqueles que são saqueadores, que assaltam e ferem, tem como aliados secretos os que passam pelo caminho olhando para o outro lado. A indiferença é aliada da opressão, por isso, Francisco quer sacudir a gente para o tema da corresponsabilidade”, alertou o assessor.

Ampliando a reflexão, a assessora da REPAM-Brasil, Moema Miranda, trouxe para o debate reflexões sobre tempos apocalípticos e a fraternidade universal e convidou os participantes a “revisitar as imagens desse tempo apocalíptico” e olhar de uma “maneira diferente para a nossa fraternidade universal”.

A assessora sugere olhar para as imagens de Deus a partir do Apocalipse porque revela uma outra imagem de Deus e nos ajuda a se desprender dessa imagem já consolidada. Descrevendo o capítulo 4 de Apocalipse, Moema diz que a imagem de Deus que emerge desse lugar é uma imagem muito mais complexa e diversa e de um Deus muito menos definido.

Para refletir sobre os desafios e horizontes para a Ecoteologia no mundo contemporâneo, Pe. Ricardo Castro falou dos desafios ao pensamento e a práxis do fazer Ecoteologia frente a crise ecológica.

Durante o diálogo, o assessor falou sobre os fatores que contribuem para a falta de respostas eficazes às questões ecológicas. Entre elas o negacionismo, a relutância em tomar uma ação unilateral e o modo de vida consumista.

Dorismere Vasconcelos, liderança leiga da Diocese do Xingu, agradeceu a oportunidade de diálogo e considerou o evento um espaço de escuta importante. “Que importante ouvir essa solicitude de escuta, diálogo, ternura e potencialidade em comprometer-se em cuidar de nós, do outro e da criação no todo. Encontro Deus em tudo, e Deus está em tudo e em busca sempre em harmonia com toda sua criação conectados e interrelacionando-se”, afirmou.

A diretora executiva da REPAM-Brasil, Ir. Maria Irene Lopes, agradeceu a participação de todos e destacou as palavras “diálogo, ternura e esperança”. “Que esses momentos sejam guardados e que essas falas nos ajudem a amazoninar nossas ações, ressaltou a diretora.

**Confira os materiais disponibilizados
pelos assessores do 2º Encontro de Ecoteologia
da REPAM-Brasil.**

Clique [aqui](#)



Foto: Valter Calheiros

Veja o que os participantes falaram sobre o 2º Encontro de Ecoteologia da REPAM-Brasil, que ocorreu entre os dias 18 e 19 de agosto de 2021, de forma online.

“Precisamos de uma conversão do nosso olhar... Ter o olhar de Jesus de compaixão pela querida AM fonte de vida para todos!!!” **Francisco Nunes**

“Nos tempos atuais, a escuta e o silêncio são tão difíceis porque as pessoas as vezes buscam os sinais dos tempos, mas não silenciam para ouvir verdadeiramente a terra, muitos até tentam, mas não coloca seu ouvido na terra para ouvi-la.” **Domingad Martins**

“A espiritualidade da escuta exige que demos um primeiro passo para nos esvaziarmos de nossos conteúdos, preconceitos e verdades absolutas, como um útero pronto para ser fertilizado.” **Pedro Sánchez**

“Para que aconteça uma conversão profunda e para uma ecologia integral é necessário que todas as pessoas percebam que temos que tirar as sandálias as vestes e ver, ouvir e sentir, pisar, deitar e escutar para que possamos nos alimentar com sustentabilidade das riquezas da terra em nossa pobreza, porque diante desta mãe terra tão rica ninguém se sente pobre e é um pecado. Jesus Cristo ele nunca se sentiu rico porque ele ouvia sentia e agia.”

Domingad Martins

“Gratidão! Por tão inspiradora, enriquecedora e importante experiência pessoal, comunitária e profundamente nos convoca e reforça a nossa missão em tocar os corações dentro e fora do mundo eclesial na importância da vivência ecoteológica da amplitude das cosmovisões da importância da inculturação, interculturalidade, sinodalidade. Dois dias que marcaram profundamente a nossa fé a vida. Que venha mais iniciativas como essa!” **Dorismeire Almeida Vasconcelos**

A espiritualidade da escuta: o caminho do Sínodo para a Amazônia

Dorismeire Almeida de Vasconcelos – Suscita a importância de estarmos sempre numa contínua conversão e cura da escuta. Aprender desaprender, reaprender a escutar para firmar o caminho interrelacional, intergeracional de cuidar e salvaguardar a casa comum fazendo a realizar-se o projeto de vida de Deus.

Frei Atílio Battistuz - O desafio da escuta é ouvir os que não falam, não se manifestam diretamente, objetivamente. Ouvir os que se afastam da Igreja, que nunca vão dizer qual o motivo. Ouvir o grito de fome dos que já não entram na fila para receber uma cesta básica. Ouvir aqueles que não estão na reunião quando discutimos o horário da celebração. Ouvir as comunidades invisíveis, que dificilmente são visitadas. Ouvir o sofrimento e o gemido dos animais que estão em extinção. Ouvir o lamento da floresta ardendo em chamas. Ouvir o grito dos que estão em silêncio.

Irmã Roberta Lee Spires - Os barulhos e seduções da modernidade com as tecnologias que trazem benefícios, mas também ensurdecem com som constante e muitas mentiras [fakes], o materialismo com a preocupação de ter mais e imitar mais, a indiferença e desatenção com as criaturas - humanas e outras... Tudo isso está contaminando e aumentando até entre os povos indígenas. E há muito falado, gritado e celebrado “em nome de Jesus”. Estas “revelações” das religiões neopentecostais estão deixando nosso povo cada vez mais surdo.

Daniel dos Santos Lima - Faço uma reflexão a partir do elemento ESCUTA, que a meu ver é um dos pontos mais importantes num processo profundo de discernimento. Vejo a escuta, na perspectiva do Sínodo, como um lugar de gestação e de criação de possibilidades de novos passos. Os “novos caminhos” possuem certa complexidade, mas é no ato de ouvir o povo, ouvir a realidade que as luzes vão surgindo e iluminando tudo. Escutar é mais que só ouvir. Ouvir é um processo mecânico referente ao sentido da audição, é além de sua vontade, a não ser que tape os ouvidos. Já escutar é uma ação que depende da sua vontade em prestar atenção, tentar entender o que está sendo dito, refletir, e, depois de assimilado o conteúdo, concordar ou não. O que não devemos fazer é enquanto o outro está falando, já estarmos mais preocupados em elaborar a nossa argumentação para discordar, sem nem ao menos termos escutado. É a famosa expressão: entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Além disso a palavra escuta nos remete à uma outra palavra que possui um significado bem profundo, interessante e importante, principalmente em se tratando da presença eclesial na Amazônia: auscultar. Auscultar, na medicina, [determinada parte do organismo] serve para identificar e diagnosticar os ruídos causados por alguma enfermidade, aplicando o ouvido diretamente sobre a parte adoecida, ou utilizando um aparelho. Na Amazônia ferida pela devastação ambiental e pela exploração do povo, o processo auscultar se faz urgente e necessário. Sigamos escutando e auscultando, procurando saber; inquirindo; investigando. Que este processo de discernimento através da escuta nos faça ousados e ousadas nas terras da querida Amazônia.

Documento Final e Querida Amazônia: compromissos e horizontes ecoteológicos para os novos caminhos

Mayrinkellison Peres Wanderley - Um Sínodo ecumênico e aberto a outras expressões religiosas - é imprescindível para entendemos o quanto cada um pode contribuir para um entendimento correto de nossas convicções religiosas que externalizam-se por nossas ações. Povos originais conhecem e entendem com profundidade da realidade da “floresta”, dos “polos”, dos “desertos” e nem todos são cristãos, na acepção da palavra. Reconhecer o outro e permitir que a alteridade “fale” a todos nós é necessário para um bom e completo aproveitamento.

Jéssica Pereira de Castro - Precisamos escutar os clamores ambientais, para que possamos refletir sobre as necessidades dos povos e seus territórios. É na escuta que refletimos as intervenções na realidade tão sofrida dos povos. Devemos agir com toda nossa força e cuidado, para que possamos trabalhar na Amazônia tão sonhada e que assim, jamais seja esquecida.

Fratelli tutti e o Sínodo para a Amazônia: relações e intuições para a ecoteologia

Eduardo Alencar Lustosa - Enquanto a pecuária é causadora de 80% dos desmatamentos, nossos alimentos são contaminados por agrotóxicos venenosos e destruidores.

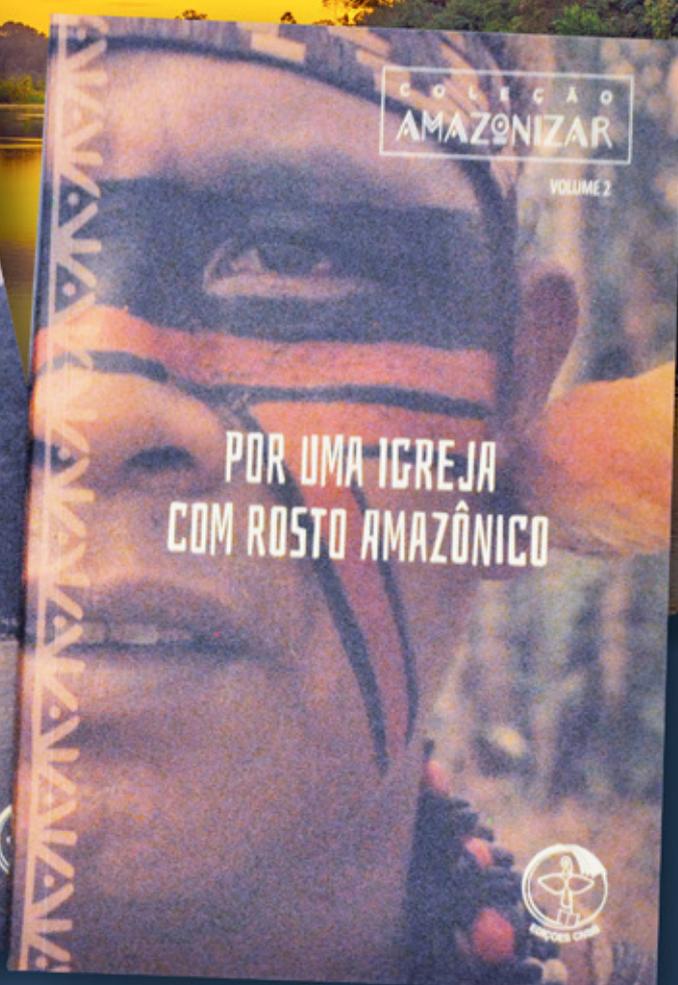
Desafios e horizontes para a Ecoteologia no mundo contemporâneo

Eduardo Alencar Lustosa - Ouvir outro dia de um jovem padre de batina: “como posso ser contra o agronegócio, se meus pobres da minha paróquia no sertão do Tocantins, tem emprego depois que o agronegócio chegou”? Há um longo caminho a fazer, começando com as lideranças de nossa madre Igreja. É preciso difundir a ECOTEOLOGIA.



Fotos: Amazônia conservada: Marcos Mello / Adobe Stock
Amazônia desmatada: Marcio Isensee e Sá / Adobe Stock

C O L E Ç Ã O
AMAZONIZAR



Está Disponível

Acesse o **QR Code**
e adquira a sua!

